

CAIXA ESCOLAR

Uma das instituições escolares que bem merecem a melhor das atenções dos bem intencionados, é sem dúvida a Caixa Escolar.

De finalidades nobres e humanitárias, essa instituição vem se tornando digna do amparo geral da nossa população afeita ao auxílio das obras beneméritas.

Foi a Caixa Escolar creada no govêrno do saudoso catarinense dr. Felipe Schmidt, que muito honrou a terra barriga-verde com os seus dotes de intelligencia, de elevada cultura no campo da engenharia. como militar de brilhante fé de officio e sincero político.

A larga visão daquele administrador observou a necessidade desta instituição que viria de fórma positiva auxiliar a instrução dos pequenos catarinenses desamparados da fortuna, porquanto auxiliando-os dirétamente, a Caixa facilitaria o ingresso destes às escolas e consequentemente, o aproveitamento intelectual dos mesmos.

A Caixa amparará o aluno humilde, desprovido de meios. Dar-lhe-á o material didático que necessite para o estudo, Auxiliará na aquisição de uniforme escolar e, quando o permitir as suas posses, dará ao pequeno aluno pauperrimo o lunch necessário.

Dahi a nossa afirmação da benemerência dessa instituição cujos frutos veremos dentro em breve.

Urge, no entanto, que se manifeste a boa vontade dos seus sócios ativos para facilitarem, expontaneamente, o desenvolvimento rápido da patrimônio da Caixa Escolar para eficiencia da sua finalidade.

Chegou-nos hoje a agradável notícia de um valioso donativo áquela instituição.

Fê-lo o seu sócio benemérito sr. Consul Carlos Renaux, que afeito a proteção das instituições de relevantes finalidades, ofertou á Caixa o donativo de um conto de réis, anualmente, como contribuição expontânea.

Este nobre exemplo deverá servir de incentivo aos sócios da Caixa Escolar na difficil e nobilitante tarefa de auxiliar os alunos pobres protegidos por aquela benemerita instituição.

D' «O Rebate» — Brusque.

Ouro de gema

Os ovos, alimento de alto valor nutritivo, são de mais facil digestão e provocam menor acidez que a carne. Os ovos cozidos permanecem mais tempo no estomago que os quentes ou escalfados.

REVISTA DE EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DO PROFESSORADO CATARINENSE

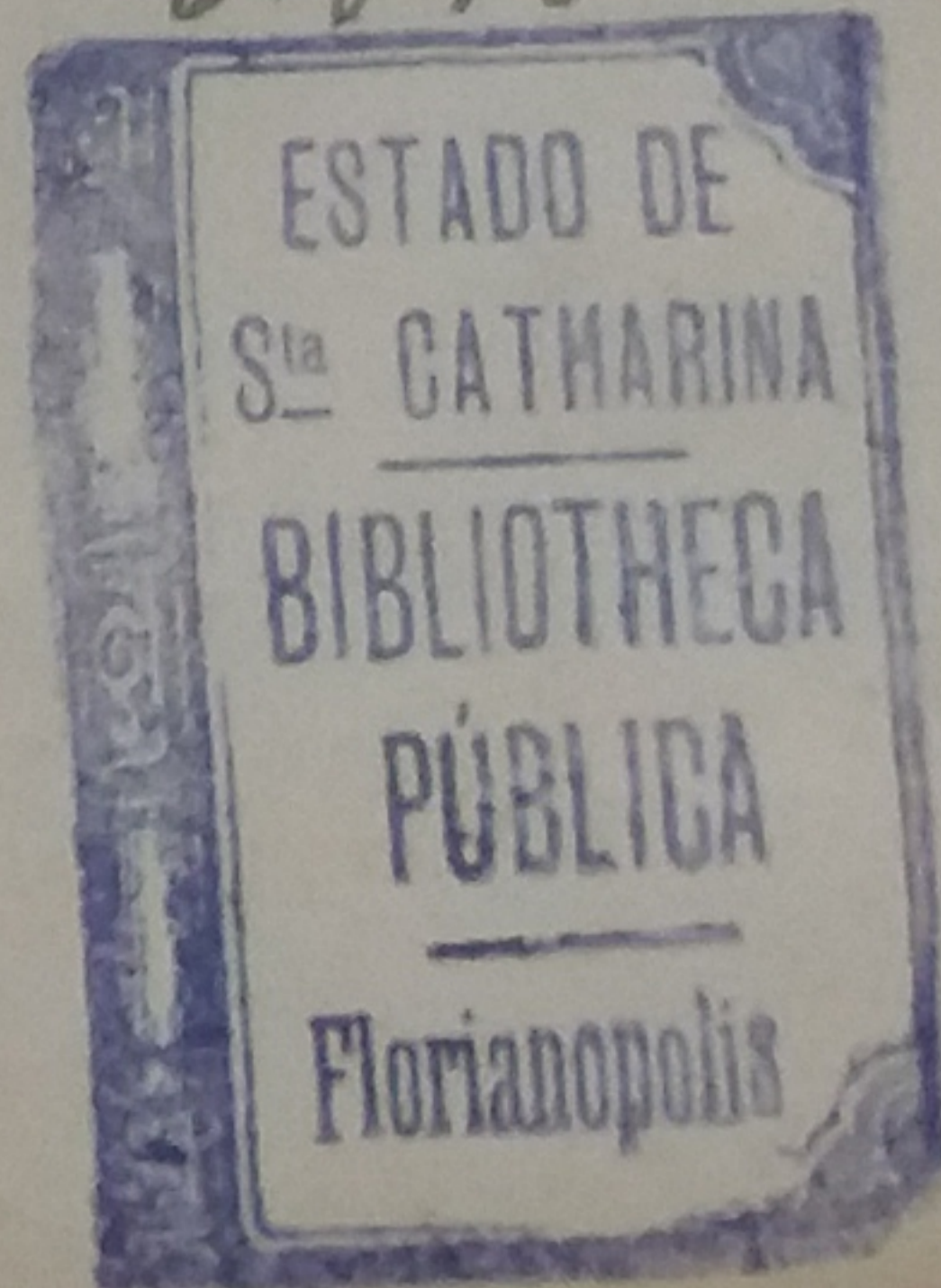
“Revista de Educação”

“Por iniciativa do inspetor de ensino sr. Antonio Lúcio, foi fundada a Revista de Educação, por onde se divulgarão no seio do professorado os assuntos de natureza técnico-pedagógica.

Reconhecendo-lhe a utilidade, resolveu o govêrno auxiliá-la materialmente, fazendo na Imprensa Oficial a respectiva publicação”.

(Da Mensagem de S. Excia., o Sr. Dr. Governador do Estado, apresentada à Assembléa Legislativa).

Tais palavras da mais alta autoridade do nosso Estado, enchem-nos de justificado orgulho, pois compensam o nosso esforço em bem servir à instrução de nossa gleba, partidas de quem, como S. Excia., tem a visão larga de um governante de escól.



A missão do professorado primário

ADRIANO MOSIMANN
INSPETOR ESCOLAR

Em lêse, apresentada, em 1927, à Conferencia Estadual de Ensino, em Florianópolis, frisei a necessidade de crearmos uma pedagogia nossa, condizente com o estado geral de nossa cultura, com o preparo do nosso professorado e com o ambiente em que as nossas escolas têm de cumprir a sua elevada finalidade. Dizia eu: «O que devemos importar do estrangeiro, mais adestrado no assunto, é, apenas, o arcabouço—os preceitos básicos gerais da moderna arte de educar—dando-lhe aqui a fôrma mais conveniente para o fim que temos em vista: nacionalizar e educar a atual geração infantil».

Hoje, nove anos passados, defendo o mesmo ponto de vista. Eis, por que resolvi trasladar para as colunas desta «Revista» algumas migalhas de experiência adquirida, em quasi dois decênios, no terreno da educação popular de Santa Catarina.

Sirva de introdução à série de artigos que tenciono publicar, se Deus me dê saúde, a palestra pedagógica que proferi, em 1929, na Conferência de Ensino, realizada no Grupo Escolar «Luiz Delfino», de Blumenau, assistida pelo pranteado professor Orestes Guimarães, que a organizou e mais de cem professores de escolas rurais.

«Meus caros colegas! É-me sempre agradável, muito agradável, falar sobre a nobre missão que, há quasi dôze anos, venho exercendo, sofrivelmente, é verdade, mas com sinceridade e amor.

No entanto, sinto-me fraco e mesquinho em face da difficilima, ainda que honrosa tarefa que me cabe de dissertar sobre assunto vasto e complexo como é o ponto:—O Papel da Escola na Formação do Cidadão.

Este têma seria bem mais digno de ser analisado por mestres como Orestes Guimarães, Padre Estanislau Schaeffe ou outros ilustrados colegas que, de certo, com muito mais brilho o desenvolveriam.

Uma impropriedade — Antes de entrar no assunto propriamente dito, peço licença para lembrar a impropriedade da expressão «problema do ensino», com que designamos, erradamente, a necessidade, premente e inadiável, de arrancar à ignorância e conseqüente inércia, milhares dos nossos amados pequenos patricios que vegetam, por falta de luz do espirito, à qual têm o mesmo e irrecusável direito como às irradiações do rei dos astros.

É imprópria a citada designação, porque o palpitante assunto, que tantos e tão carinhosos cuidados tem merecido da parte do nosso preclaro Presidente, sr. dr. Adolfo Konder, não é o «problema do ensino», e sim, o «problema da educação popular».

Não se trata somente de difundir o ensino: o que pretendemos, Governo e professores, é educar a atual geração infantil barriga-verde.

Nosso intuito não é *adestrar* os alunos, inoculando-lhes maior ou menor soma de conhecimentos livrescos; o fim que temos em vista não é alfabetizar a criança catarinense, mas sim formar cidadãos úteis e prestantes, homens que conheçam e saibam cumprir seus deveres, homens que não abusem de seus direitos.

Não visamos fazer da criança um simples leitor da cartilha e, mais tarde, do jornal, não queremos, nem devemos, sacrificar o caráter à mente, nem preparar letrados sem coragem moral.

O que nos falta são homens que façam de sua vida um sacerdócio, um apostolado do Bem. E para isso, não precisamos tanto *ensinar*, como *educar*.

O objeto da educação—Analisemos o que significa a palavra educar. Há, a respeito, muitas definições de mestres notáveis; penso, entretanto, que «educar é desenvolver, harmonicamente, todas as capacidades da criança».

Devemos, pois, desenvolver o corpo, o espirito, a vontade e os bons sentimentos dos alunos.

A educação física — É sabido que todos os conhecimentos que a criança adquire, ela os recebe por intermédio dos sentidos. Cabe ao professor educar êstes, para que o aluno possa utilizar-se dêles com proveito.

Nada nos adianta o possuímos excelentes utensilios, se não sabemos usá-los. Cumpre, por isso, aperfeiçoar os sentidos dos educandos e aumentar as suas aptidões físicas. É o que o professor faz nas aulas de ginástica, que devem ter o duplo fim de:

a) Pôr em movimento, moderadamente, todas as engrenagens do organismo infantil, e

b) Habituar os músculos do mesmo organismo a obedecer, rapidamente e com precisão, às ordens emanadas pelo cérebro.

O primeiro resultado se obtém com exercícios de ginástica, sem comando, feitos pelo professor e imitados pelos alunos. Como já ficou dito, êsses exercícios devem pôr em movimento o maior número possível de músculos, com o que se conseguirá manter são o corpo do aluno que, porisso, estará aparelhado para aprender e assimilar os conhecimentos que se lhe querem transmitir.

4

A ginástica por comando visa dar ao aluno o hábito de obediência pronta e o domínio sobre os seus músculos. Quanto os exercícios físicos influem sobre o estado de saúde em geral e o normal funcionamento dos órgãos dos sentidos em particular, todos vós o sabeis por observação ou estudo. E a saúde física é condição para a saúde espiritual e moral... Passemos para a outra parte:

A educação mental—Pouco direi da educação intelectual. Limite-me a lembrar a necessidade de ministrar o ensino, bem dosado, e convenientemente adaptado à idade e à capacidade mental dos educandos, partindo do simples para o complexo, da parte para o todo, do concreto para o abstrato. Obedecendo à ordem natural e lógica dos fatos que determinam o desenvolvimento mental da criança, o ensino primário deve ser intuitivo.

É este o processo pelo qual o aluno aprende sem esforço aparente, o que não posso deixar de frisar porque, qualquer que seja a disciplina que se ministre, cumpre evitar que o aluno se cance. Excelente meio para tal fim é dar às lições um cunho alegre e interessante. É pelo interesse e pela curiosidade, habilmente despertados nos alunos, que o professor deve prender-lhes a atenção, sabido como é que na criança não existe atenção espontânea.

O professor que não teme o esforço do preparo diário das lições, não terá dificuldades em ministrar o ensino pela forma apontada...

A educação moral—Passo agora a tratar do capítulo mais importante do ensino—a educação moral. Aqui cumpre-me apontar um erro em que muitas vezes incidimos.

Para animar o aluno a seguir o bom caminho, indicamos-lhe homens de real valor, espíritos superiores e fortes, enfim: exemplos dignos de serem imitados.

Muito bem!

Suponhamos que eu desse a qualquer dos senhores uma espada e, para lhe ensinar a difícil arte da esgrima, lhe dissesse apenas: «Fulano é bom esgrimista. Imita os seus movimentos; o principal é não ser ferido e ferir o adversário».

Julgam os senhores que tal conselho adiantaria a um principiante? Creio que não, pois para a aprendizagem da esgrima como para o conhecimento de qualquer arte ou ofício, é indispensável aprender-se aos poucos, adestrar-se, partindo do fácil para o mais difícil.

Por que razão, pois, devemos de exigir que a criança se torne boa, generosa, nobre de sentimentos e cumpridora de seus deveres, só com o apontar-lhes grandes vultos que, por terem vencido na vida, se tornaram dignos de respeito e veneração?

Porque não devemos de dar aos educandos pequenos exercícios adequados, para que, à força desses exercícios, cheguem a ser, com o tempo, mestres na arte de dominar os caprichos da vontade?

PROFESSORES QUE TOMARAM PARTE NA SEMANA EDUCACIONAL DE TUBARÃO



A vontade deve ser, a meu ver, a base da educação moral, pois quem sabe querer, querer no melhor e verdadeiro sentido da palavra, «tem o mundo a seus pés».

Naturalmente, o professor deve inculir no espírito do aluno noções elementares, mas completas e exatas, do Bem e do Mal. Mas isso nada adiantará se faltar a educação da vontade.

Nunca são demais os homens enérgicos, que sabem querer. Êstes é que são os verdadeiros esteios do Estado.

Que adiantam à sociedade os maiores gênios, se êles não têm carater, se lhes falta a energia moral para praticar e fazer praticar o Bem e combater o Mal? Nada, absolutamente nada!

Senhores professores! Eu vos peço: Procurai educar a vontade dos vossos alunos, por meio de exercícios fáceis e bem escolhidos. Valei-vos, tambem, do poder convincente do bom exemplo e dia virá em que tereis a satisfação de verificar que os vossos esforços alcançaram proveito e as vossas fadigas bons frutos.

Não vos limiteis a mostrar aos escolares os grandes mestres da vontade, porque êstes tão alto se ergueram acima dos mortais comuns, que a criança, vendo-os naquelas alturas, desanima, convencendo-se de que jamais alcançará tal perfeição. Conduzi os pequenos, passo a passo e êles vos seguirão...

A criança e o ambiente — Receio cansar-vos, meus amigos; no entanto, peço para, em ligeiro esbôço, encarar o problema da educação sob mais um ponto de vista.

O homem, adulto ou não, é o produto do meio em que vive. Assim, o procedimento da criança, é sempre o reflexo da educação que recebe em casa. Ora, os pais não são, em geral, educadores profissionais e a muitos ainda falta o dom natural para o exercício dêsse importantissimo mistér.

Confessemos, bons colegas: Quantas vezes não erramos nós, educadores profissionais, na sublime, mas difficil arte de Pestallozzi! Com que direito exigir, pois, que os pais sempre acertem?

A educação paterna (como tambem a da escola) há de ser imperfeita, enquanto perfeitos não forem os homens. Não nos é licito, porisso, queixar-nos, criticar a educação, mais ou menos defeituosa, que os pais dão a seus filhos. Pelo contrário, devemos auxiliá-los nessa trabalhosa tarefa, enchendo as lacunas e os claros que êles deixarem. Para resumir: Cabe á escola *completar* a educação paterna.

Considerando a diversidade dos ambientes em que os alunos passam os primeiros anos de vida e a desigualdade de sua constituição, é evidente que o tratamento pedagógico dos mesmos deve ser individual, cabendo ao professor observar o escolar com atenção e perseverança, a fim de poder aplicar, a cada individuo em particular, o tratamento que seu estado fisico, mental e moral reclama. É a isso que se chama educar.

Outra circunstância que merece a nossa atenção especial é as nossas escolas serem freqüentadas por lusos descendentes de outras raças.

Se é certo que a pedagogia aconselha que, no tratamento das crianças, o professor tenha em vista a idiocrasia—temperamento individual— e a idiosincrasia—temperamento em relação ao meio em que vive o indivíduo;— se a educação coletiva é mais aparente do que real, é evidente que os processos pedagógicos a empregar devem subordinar-se às particularidades atávicas dos alunos.

Dai a necessidade de não se poder, por exemplo, tratar do mesmo modo, alunos lusos e teutos. Naturalmente, não deve haver desprezados nem preferidos, o que seria a mais flagrante das injustiças. Cumpre completar a educação de cada um desses grupos, dando (para usar linguagem clara) a cada um o que lhe falta.

Observando mais de perto os nossos escolares—lusos e descendentes de outras raças—vemos que os primeiros, ao lado de ótimas qualidades, têm o defeito de ser indolentes e, em geral, por ignorantes ou doentes, refratários ao esforço. Os descendentes de estrangeiros são diligentes e progressistas, mas não conhecem a língua vernácula, razão por que não podem estudar as nossas história e geografia, elementos essenciais para a compreensão dos fatos que determinaram e promoveram a evolução brasileira.

Não pretendo, absolutamente, ofender susceptibilidades de quem quer que seja. Encaro o assunto como a pedagogia requer seja estudado, nada mais. Aliás, se descobri os lados fracos dos dois grupos étnicos em apreço, cumpre-me lembrar, também, que ao primeiro não cabe culpa de ser indolente não podendo, igualmente, ser censurado o segundo, por não conhecer a língua do país, quando não teve oportunidade para aprendê-la.

No que insisto é que se habitue o filho do nosso cabôclo—possuidor de primorosas qualidades inatas—ao trabalho sistemático e produtivo, curando-o das moléstias que o debilitam e que se ensinam a língua vernácula, a geografia e a história pátrias ao teuto, para que todos, nascidos sob o mesmo céu da grande Pátria, trabalhem de mãos dadas, para o engrandecimento do nosso incomparável país.

Não sou partidário do nativismo exagerado e estéril. Penso que se deva permitir aos descendentes de estrangeiros o uso e o cultivo da língua de seus antepassados. Mas, se para eles é crime deixar de venerar a língua e as tradições da velha pátria, não querer aprender a língua brasileira ou desprezar as tradições nacionais, é traição!

A língua, penso—e creio que os grandes sociólogos estarão comigo—é o laço que deve unir todos os membros da família brasileira, do Chui ao Oiapoc.

Senhores professores! Permiti, ainda, que vos dirija algumas palavras de encorajamento. Conheço a vida do professor rural, pois iniciei a minha carreira em escola isolada. Falo, portanto, com pleno conhecimento de causa. Não me são desconhecidas as mil contrariedades inerentes à humilde, mas nobilíssima missão que estais cumprindo. Sei que só almas fortes e espíritos nobres sabem resistir ao desânimo, em face da enormidade da tarefa que vos é imposta, não só pelo Regulamento, como também e sobretudo, pela lei moral.

Contudo, não deveis desesperar. Se vos sentis desacorçados, lembrai-vos que sois embaixadores da Pátria e que essa Pátria tem o direito de exigir sacrifícios de seus enviados e esperar grandes feitos de seus filhos mais humildes. Tende sempre em mente que, com os vossos esforços, podeis e deveis civilizar e nacionalizar o sertão.

Em vão procuraríeis tarefa mais sublime! É verdade que sois mal remunerados. Mas, pergunto eu, que seria de nós se trabalhassemos apenas pelo fato de ser pago o nosso serviço? Onde ficaria, nesse caso, o sentimento do dever, onde o são idealismo, que deve ser a mola motriz de todas as atividades humanas?

O homem que só trabalha pelo dinheiro, é indigno de si mesmo; ele se vende. Eu não trabalho pelo fato de receber quatrocentos ou quinhentos mil réis mensais; cumpro os meus deveres, para encher o meu lugar na vida. Quem vê no exercício de seu cargo um simples ganha-pão, não é digno de ser professor, pois ser educador é, antes de tudo, um sacerdócio...

Quanto ao modo geral de desempenhardes a vossa missão, aceitai o seguinte conselho: Nunca entreis em aula mal humorados. Não vos esqueçais que o melhor meio de conduzir crianças, é o amor, ao qual elas não podem resistir: ainda que queiram. «Um sorriso nada custa e faz, muitas vezes, milagres».

Lembro-me, a proposito, de uma lenda que li, não sei onde. Um homem, viajando pelo espaço infinito, foi, também, visitar o Sól. Em palestra, contou ao rei dos astros que, aqui na Terra, havia lugares imundos, abjetos e hediondamente feios e escuros. Ouvindo isso, um raio luminoso quiz certificar-se do que o homem acabava de contar. Veiu à Terra, entrou em cavernas húmidas, lúgubres subterrâneas e miseros casébres. Admirou-se de não encontrar, como esperava, um único recanto triste e escuro. É que ele, raio de luz, trazia em si a claridade e a alegria, que transformavam, só com a sua presença, os antros mais desprezíveis.

Sede também vós, meus amigos, raios de sól. A vossa pessoa, todo o vosso ser deve emanar luz suave, que purifique, amenise e alegre o ambiente, pois é vossa missão levar às crianças da roça a luz benéfica do saber e da civilização.

A conferência que acabo de transcrever é o resumo do que se segue. Está, porém, enganado quem supõe que eu pretenda escrever um tratado sôbre didática ou pedagogia. Endereçarei alguns conselhos aos principiantes, que mais o sejam do que eu, na difícil arte de educar, para que o pouco que me é dado oferecer anime a outros, mais experientes ou mais argutos, a darem à publicidade o resultado de suas lucubrações em tôrno do problema da educação popular. Fugirei, quanto possível, de citações e darei a palavra, especialmente, à experiencia adquirida em alguns lustros de exercicio e à observação direta dos fatos e das necessidades.

Pedagogia é o conjunto de preceitos que, de acôrdo o meio em que vivem os educandos, devem ser observados na ação da infância.

Educação é a aplicação, criteriosa e melódica, de tais preceitos, com o fim de desenvolver na criança o maior número possível de faculdades e tendências inatas, despertar nela as energias latentes e substituir seus máus hábitos, pelas virtudes correspondentes.

A educação começa em casa. Os pais são os educadores naturais de seus filhos e para isso a Religião, a Lei e a Sociedade lhes conferem poderes quasi ilimitados.

Contudo, tal educação é incompleta e, quasi sempre, defeituosa, o que facilmente se explica: O pai passa, em geral, a maior parte do dia fóra de casa e é a mãe que compete, principalmente, formar os futuros homens e as futuras donas de casa. Ela dá os primeiros conselhos aos filhos e os guia, na sua ingênua meninice. É esta uma das mais importantes fases da educação, dada a plasticidade e a impressionabilidade da alma infantil, na primeira infância. O menor erro cometido agora, pôde determinar o fracasso completo da obra educativa futura.

É muitas mães pecam neste ponto, comprometendo a educação de seus filhos. A umas faltas o tempo para se dedicarem, como seria de desejar, à formação física, mental e moral de sua prole; outras, levadas por um falso e exagerado amor, julgam nada poder negar aos pimpolhos manhosos; e ainda outras (quasi todas), ensinam-nos errada, ou deficientemente, por não terem o preparo científico que as habilite a estudar e compreender a alma e o temperamento infantis.

Milhares de pais e, infelizmente, ainda muitos professores, julgam poder regular e harmonizar as delicadissimas funções do organismo da criança, na sua tríplice feição material, intelectual e moral, sem nunca se terem dado ao trabalho de procurar conhecer ao me-

nos as leis elementares que regem e determinam a evolução gradativa do ente humano, desde o berço até a sua completa maturidade. Dêmos graças a Deus que, em muitos casos, o bom senso dos educadores supre, em parte, a falta de preparo técnico...

Pelas razões expostas e, dada a multiplicidade dos fatores, muitas vezes complexos, que favorecem ou atrazam o desenvolvimento moral da criança, a educação ministrada no lar não só deve ser continuada, como também relocada, e corrigida na escola. Daí ressalta a enorme responsabilidade que pésa nos ombros do professor primário.

Ele tem por dever fazer de cada criança uma individualidade, isto é, uma pessoa que seja capaz de, em qualquer emergência, não só saber onde está o Bem e o Mal, mas também tenha coragem suficiente para praticar aquele e condenar e combater este, o que nem sempre é facil. A escola recebe seres humanos, imperfeitamente desenvolvidos, que apenas ensaiaram os primeiros passos na vida e deve, no fim de alguns anos, entregar à sociedade, homens que saibam cumprir a sua elevada finalidade, sem violar as leis invariáveis da consciência.

Professor amigo! Percebes que significa isso? Aquilatas a tarefa, quasi sôbre-humana, que a sociedade te impõe, a trôco de minguada remuneração? Compreendes que tu, que és, muitas vezes, apenas tolerado na sociedade, és direto responsavel pelo mais humilde dos teus alunos, visto como te cabe a honrosissima incumbência de fornecer à Pátria os homens de amanhã? Não estás convicto de que, apesar de humilde, pobre, esquecido ou, talvez perseguido por aqueles que teriam motivos para se mostrarem gratos, vens exercendo um sacerdócio de desinterêsse e sublime abnegação, sem a qual não poderias cumprir a tua augusta tarefa? Se a experiencia, implacável e cruel, já te mostrou o lado sombrio do teu trabalho, seria covardia sem nome perder o entusiasmo pela santa causa, (digna dos maiores sacrificios), que abraçaste. Seja a tua divisa: «Vencer sem perigo é triunfar sem glória», pois a tua vida é, e deve ser, uma epopéa de heroísmo moral, heroísmo que não se perpetua em estátuas.

Se comprehendes tudo isso, se estás compenetrado de todas as utilidades da arte de formar homens de bem; se do teu ânimo não se apodéra nunca o desespêro, em face dos mil obstáculos que encontras na luta contra o Mal; se continúas na tua humilde faina, de frente erguida, apesar de todos os contratempos e das dificuldades que te criam, muitas vezes, os próprios pais dos alunos; se sabes suportar, calado, eventuais injustiças de uns e a má vontade ou incompreensão de outros, então congratulo-me contigo, porque não és apenas professor, és mestre na arte educar e mestre na de viver. E os mestres vencem; tarde, às vezes, mas vencem sempre...

Todo bom professor é idealista. Não se concêbe que um educador possa encarar a sua nobre atividade apenas do ponto de vista utilitário. Para êle «há algo mais importante do que ganhar dinheiro». E' preciso que êle—como nenhum outro funcionário—só viva para a causa, tendo sempre em mente depender dêle o termos amanhã uma geração de homens, na verdadeira acepção da palavra, uma coletividade na qual cada indivíduo, sem sacrificar a sua feição própria e original—sua personalidade, emfim,— saiba, dignamente, encher o seu lugar na vida sem acotovelar ao próximo, e subordinar-se às justas imposições ditadas pelo bem comum. Um homem perfeitamente educado deve enquadrar-se na coletividade, assim «como as células vivas, desempenhando as suas variadissimas funções, peculiares a cada uma, formam no seu harmonioso conjunto a obra prima da criação, o organismo humano».

Depende ainda, em grande parte, do professor primário o termos, mais tarde, um povo altivo, cômico de seus direitos e cumpridor de seus devêres, ou um rebanho inconciente, sujeito a todas as sugestões malélicas...

(*Continúa*)

Semana Educacional de Itajaí

De 21 a 26 de setembro, realiza-se na cidade de Itajaí, a Semana Educacional nos moldes das que o Departamento de Educação vem efetivando com gerais aplausos.

“Revista de Educação”

Para que não haja interrupção na remessa da «Revista», pedimos aos que ainda não efetuaram o pagamento de suas assinaturas, o obséquio de enviarem pelo correio a respectiva importância.

Atividades escolares



Grupo Escolar “Arquidiocesano São José”, de Florianópolis



Inauguração do Grupo Escolar “Abdon Batista”, de Jaraguá

PROFILAXIA DA RAIVA

Dr. Julio Brandão de Albuquerque

No intuito de prestar o meu justo, despretencioso e fraco concurso à iniciativa da filantrópica Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, é que autorizado pelo Inspector Chefe da Comissão de Combate à Raiva, neste Estado, procurei coligir dados com que pudesse realizar a minha palestra sobre PROFILAXIA DA RAIVA, no Brasil.

No intuito desta dissertação necessário se torna o estudo prodromico da Raiva, para que se possa ajuizar das medidas postas em prática pelo governo, a fim de erradicar no Brasil, tão letalica zoonose.

A raiva, cuja sinonimia é rica, conhecida é pela denominação de Hiarofobia, hidrofobia (impropriamente chamada, pois provado está que não há horror à agua), rage, rabia, moléstia das cadeiras, paralisia epizoótica dos bovinos, etc., etc., é uma doença infecto-contagiosa, produzida por um virus filtravel neurotrópico, que grassa entre os carnívoros e herbívoros-mamíferos, não poupando o homem.

Não me preocupo no momento em vagas dissertações sobre o histórico da raiva, porque além de desnecessário, tornar-me-ia prolixo, roubando o vosso precioso tempo.

O diagnóstico da raiva, se baseia nas observações clinicas, exame microscópico de córtex do cerebello e corno de Amem, onde são encontrados corpusculos descobertos por Negri, que a 27 de março de 1903 fez à Sociedade Médica Cirurgica de Pawia, a comunicação de sua descoberta feliz. As provas experimentais de inoculações biológicas e o resultado da vacinação profilática, deixam indubitavelmente provada a existência da raiva. Embora existam casos típicos de raiva, casos há atípicos em que predomina o emagrecimento e a atrofia muscular. Merece especial atenção o fato de quinze dias antes de aparecerem os primeiros sintômas patognomonicos da raiva, já ser a saliva infectante, razão porque é perigoso a existência de cães não vacinados, mesmo que aparentemente em perfeito equilibrio orgânico, porquanto sabemos que a contaminação rábica, não se dá somente através à mordedura, sendo ela admissivel por simples lambedura do animal raivoso, sobre a péle que contenha uma solução de continuidade.

A raiva é uma infecção de localização essencialmente nervosa, embora se considere uma fase sanguinea, difficil de ser identificada. Deve-se esta observação a Pasteur em colaboração com Roux.

E' crença popular de que a fome, a sede e o calor produzem a virulência do virus rábico e o consecutivo aparecimento da zoonose. E' mentirosa esta afirmativa, haja visto que na Siria e no Egito onde o calor é intenso, não se conhece a raiva. Em Constantinopla, Alep e outras cidades do Oriente, onde existem matilhas de cães vagabundos, os quais morrem de fome, a raiva não existe.

A perda de equilibrio é geralmente observada, daí a denominação impropria de mal de cadeiras. Há quasi sempre perturbações gastro-intestinais e paralisia da bexiga, que geralmente é encontrada superlotada. Há glicosuria. A urina do animal rábico reduz o licôr de Fehling. A excitação dos instintos genésicos, citada por alguns autores, nem sempre é observada. Embora considere-se duas formas distintas de raiva: PARALITICA ou MUDA e FURIOSA ou AGRESSIVA, nota-se sempre que elas constítuem sintomatologia quasi sempre, comum, uma sucedendo a outra. A mortandade atribuida à raiva, nem sempre o é. Só a vigilância constante de técnicos, nas zonas avassaladas, poderá elucidar o diagnóstico, procurando tirar alguns colonos de seu pessimismo retrogrado, tão prejudicial, mórmente em se tratando de vacinação profilática.

Nemesio Sanches estabeleceu este axioma: «A DURAÇÃO DO PERÍODO DE INCUBAÇÃO DA RAIVA ESTÁ NA RAZÃO DIRETA DA DISTÂNCIA ENTRE A FERIDA PRODUZIDA PELA MORDEDURA E OS CENTROS NERVOSOS». Pelo exposto, vê-se que as feridas próximas do cérebro, são as mais perigosas.

Há opiniões tendentes à natureza parasitária da corpúscula de Negri. No entanto parece-nos mais aceitável ser ela produto da reação de um vírus, que ainda não foi isolado.

Embora seja ainda considerado o cão o transmissor clássico da raiva, podemos pelos resultados concludentes de técnicos brasileiros e estrangeiros de renome, provar que em nosso país 98, para não dizer 100% dos casos de raiva em herbívoros, o agente transmissor é o queiroptero hematófago do género desmodontidae, famílias desmodos rotundus, defilas ecaudata e dieamus youngi, as duas primeiras encontradas em todo o Brasil, tendo sido estudadas primeiramente nos Estados do Pará e Amazonas pelo saudoso naturalista Emilio Goeldi.

Em 1911 foram sacrificados no município de Biguassú, neste Estado, 6.799 cães, cuja medida visava a extinção da raiva.

Lanfranchi e Lenzy citam a observação da transmissibilidade do vírus rábico através da parede placentária. Observaram eles que uma cadela que havia coabitado seis meses antes da parturição com um cão raivoso, infeccionou seu filho, cuja pesquisa de corpúsculo de Negri nos cornos de Ammon, e inoculações experimentais do material do feto, em coelhos, deu a conclusão da raiva. Não quer isto dizer que seja a raiva hereditária, no entanto não se pode negar que haja contaminação placentária.

A vacina anti-rábica é anódina e inócua. Dados estatísticos insofismáveis corroboram a minha asserção. Em Norte America dentre 15.000 animais vacinados apenas 1,5% contraiu a zoonose. No Japão os bacteriologistas Umeno e Doi empreenderam a imunização em 30.000 animais, tendo só um adquirido a raiva. Nas concessões japonezas na Mandchuria e nas inspeções veterinárias do Japão foram vacinados 781.000 cães, sendo que somente 170 deles adquiriram a raiva. Em Sofia sobre 6.000 experiências pelo método de Hognes, não houve senão 0,11% de insucessos. No Brasil o dr. Esperidião de Queiroz Lima realizou no Estado de Mato Grosso, no ano de 1931, 59.096 vacinações contra 53.306 em 1932, perfazendo o total de 112.492 vacinações. Diz o mesmo autor o seguinte: «Posso concluir afirmando que foram magníficos os resultados da campanha profilática que fez desaparecer virtualmente a raiva bovina nas zonas em que foi completa a vacinação. Nas fazendas onde a vacinação foi incompleta morreu exclusivamente o gado ainda não vacinado».

Em estudo epizootológico no Brasil, citam-se por ordem de intensidade dos focos os seguintes Estados avassalados pela raiva: Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Estado do Rio, Amazonas, Paraná e Sergipe.

A transmissibilidade da raiva pelos queiropteros hematófagos citada por Haupt, Rehaag, Carini e Parreiras Horta, em 1911, neste Estado, é fato inconteste. Alvaro Sales, Esperidião de Queiroz Lima, Otacilio Camará Martins, atual chefe da Comissão de Combate à Raiva neste Estado, B. de Freitas, Freitas Lima e Silvio Torres, em experiências coroadas de completo êxito, deixam insofismavelmente provada a criminalidade do morcego hematófago, como agente primordial na transmissibilidade da raiva, no Brasil. Nos focos mais intensos, deste país, onde grassa a raiva em caráter epizootico, é notada a ausência de cães hidrófobos, não podendo, portanto, ser o cão o clássico transmissor do vírus rábico, nesta região. Não podemos também citar como transmissores os carnívoros do género felis que são igualmente poupados pela epizootia reinante.

O combate profilático contra a raiva, no Brasil, obedece a um plano traçado pelo D. N. P. A. Eis o resumo do que se refere à Santa Catarina:

- a) — vacinação intensiva e contínua.
- b) — combate aos agentes transmissores.

Pela vacinação intensiva e contínua—A vacinação obedecerá a um duplo critério que se denominará PROGRESSIVO e de EMERGÊNCIA.

1º—PROGRESSIVO—Consistirá no estabelecimento de uma faixa protetora em redor dos limites da epizootia que, pela sua progressão centripeta, restringirá sempre mais a área contaminada.

2º—DE EMERGÊNCIA—Destinado ao socorro imediato às fazendas fortemente avassaladas pela raiva, terá a realização ditada pelas necessidades do serviço.

Medidas complementares. Como medidas complementares teremos:

- a) — vigilância do trânsito;
- b) — obrigatoriedade da vacinação;
- c) — serviço de divulgação e estatística;
- b) — pelo combate aos agentes transmissores.

O combate aos agentes transmissores será dirigido:

- a) — sobre os cães;
- b) — sobre os morcegos hematófagos.

O combate dirigido aos cães será constituído pela vacinação sistemática desses animais em cada fazenda.

O combate aos morcegos hematófagos obedecerá ao seguinte plano:

- a) — localização de caseiros;
- b) — destruição dos morcegos e destruição dos caseiros.

O critério da vacinação sistematicamente progressivo ao lado de uma de emergência é de um acerto que não necessita justificativa.

A vacina adotada no Brasil é fabricada segundo o método japonês de Umeno e Doi, modificado por Silvio Torres e Esperidião de Queiroz Lima, ambos técnicos brasileiros pertencentes ao Ministério da Agricultura.

O período negativo da vacina anti-rábica oscila entre 25 e 30 dias, podendo neste período, morrer de raiva os animais, sem que a vacina possa neste caso exercer a sua ação imunizadora. H. B. de Freitas, no Estado do Espírito Santo, observou casos típicos de raiva em animais vacinados a mais de 110 e 150 dias. Observei neste Estado animais que apresentavam a sintomatologia patognomônica rábica, que tinham sido vacinados a dois meses, e outros incriminados de raiva, que a observação minuciosa provou haver a concomitância da pseudo-raiva, peste de coçar, ou doença de Aujeski.

Silvio Torres, em estudos de imunidade cruzada, provou que a vacina contra a raiva não imunisa contra a pseudo-raiva.

Em Santa Catarina a primeira epizootia de raiva apareceu em Biguassú, em 1911, entre equinos e bovinos, onde foi estudada por Parreiras Horta, Carini, Juan Mendez e Pedro Podestá, cujos diagnósticos foram unânimes em afirmar como sendo a raiva, a causa da mortandade do gado, neste Estado.

Enfadonho seria descrever todo o histórico da raiva em Santa Catarina, pois a exiguidade do tempo não me permite pormenores, que no momento pouco interessam e são visivelmente dispensáveis.

Foi o dr. Otacilio Camará Martins, que chefia a Comissão deste Estado, o segundo veterinário que no Brasil confirmou a transmissibilidade da raiva pelos queiropteros da família desmodontidae. É do mesmo técnico a observação da existência de hematófagos desmodontinae em altitudes elevadas, em plena região fria do altiplano catarinense, o que contradiz a afirmativa de alguns técnicos. Ele observou mais, em Terezópolis (Estado do Rio) em altitude de 900 metros e no Rio Grande do Sul, na zona fronteiriça. A corroboração de sua observação está no aparecimento, em 1935, de um foco de raiva em Bom Retiro, neste Estado, em altitude superior a 900 metros, onde não havia epizootia rábica em carnívoros das famílias canis e felis.

Numa inspeção rápida, constata-se logo que a raiva grassa com a maior intensidade, nas proximidades da serra e nos vales, do que nos campos limpos e abertos, pelo menos na zona sul deste Estado. A justificativa parece estar no que eu disse em

relatório ao dr. Inspetor Chefe desta Comissão: "Venho observando que a maioria dos focos existentes nesta região, é localizada na encosta das serras, onde parece ser o habitat principal dos queirópteros hematófagos, que preparam seus caseiros em grutas na maioria das vezes, em lugares inacessíveis.

Assunto que merece especial atenção, é o estudo da higiene nas propriedades rurais, que no entanto necessita uma dissertação prolongada, não cabível no momento.

Do Governo do Estado recebeu o Laboratório desta Comissão, em Blumenau, nos anos de 1934 e 1935, 881 cavalos, dos quais foram aproveitados 716. Com o material destes animais foram fabricados 2.756.340 c. c. de vacinas, num total de 137.817 doses de 20 c. c. Foram vacinados 125.046 animais.

Os prejuizos ocasionados pela epizootia neste Estado, são estimados em 40.000 cabeças, cujo valor é computado em 6.000.000\$000.

O recursos federais recebidos por esta Comissão, foram num total de 77 contos em dois anos ou sejam 38.500\$000 por ano, que dá um duodécimo de 3:208\$333, cuja verba se torna irrisória diante das necessidades prementes e inadiáveis, para atender às exigências do serviço, mau grado os apêlos constantes em exposições precisas e minuciosas ao Governo Central e o dinamismo do atual chefe deste Serviço. Frisante se torna que os poderes competentes não olvidem os apêlos da Chefia desta Comissão, sob pena de se ver desmoronar a obra saneadora que se vem realizando neste Estado, à custa de hercúleos esforços e asfixiantes verbas, desfazendo tudo o que só o espírito afeito ao labôr e a brasilidade reinante nesta comissão poderiam contrair.

AS MAIORES AUTORIDADES PEDAGÓGICAS RECOMENDAM AS EDIÇÕES RIO BRANCO

— de —

J. R. DE OLIVEIRA & CIA.

RUA S. JOSÉ, 42 — RIO DE JANEIRO

O PROFESSORADO CATARINENSE, ANTES DE ADOTAR QUALQUER OBRA, É CONVIDADO A EXAMINAR AS SEGUINTE:

SELETA DA INFANCIA do Prof. Brant Horta

LÊR E APRENDER da Prof. Alda P. da Fonseca

O CAMINHO DA VIDA da Prof. Alda P. da Fonseca

CIÊNCIAS SOCIAIS do Prof. A. Espinheira

Série de 5 volumes para todos os anos do curso primário.

MATEMÁTICA do Prof. A. Espinheira

Para o 3º ano primário.

HISTÓRIA DO BRASIL do Prof. E. de Abreu Lobo

A aceitação destes livros em todo o Brasil é prova exuberante de suas altas qualidades pedagógicas.

Estas obras são o produto de um esforço patriótico na grande campanha de educação nacional. O melhor livro é aquele em que o aluno aprende mais em menos tempo. As obras acima satisfazem plenamente aos mais exigentes.

Recomendamo-los com muito prazer aos srs. professores.

ENCONTRAM-SE EM TODAS AS BOAS LIVRARIAS DO ESTADO.

As Semanas de Educação através os relatórios de assistentes.

S. FRANCISCO

Prof. LEONOR OLIVET

Durante a Semana Educacional, realizada nesta cidade, pelos professores sr. Luiz Sanches Bezerra da Trindade, dignissimo diretor do Departamento de Educação; sr. João dos Santos Areão, inspetor federal; sr. Elpidio Barbosa, sub-diretor técnico do mesmo Departamento; sr. Marcilio Dias de S. Tiago, inspetor escolar e sr. dr. João Alves Junior, tivemos ocasião de ouvir com vivo interesse, palestras sobre a escola tradicional e a escola ativa, atividade do professor na escola nova, organização e finalidade dos clubes agrícolas escolares, organização de bibliotecas escolares, legislação escolar, aulas globais, excursões escolares e muitos outros assuntos de suma importância.

Referindo-se à escola tradicional, o prof. Luiz Sanches Bezerra da Trindade disse-nos o seguinte: "Mente a escola atual dizendo que prepara o aluno para a vida. Aluno preparado para a vida é o aluno que deixa os bancos escolares integralmente educado; o aluno que recebeu na escola uma educação completa—corpo e alma.

A escola tradicional, a escola do "aprender", não dá ao aluno tal educação. Transmite às crianças uma infinidade de noções que não são por elas devidamente assimiladas; costuma tratá-las como se fossem seres inertes e passivos e coloca o aluno num ambiente todo artificial.

A escola atual, como diz Backheuser, tem a preocupação exagerada com o que se supõe que a criança deve aprender. Obriga o aluno a estudar.

A finalidade do mestre é preparar alunos para exames, sem cogitar das suas atividades, suas tendências, taxando de bom aluno aquele que sabe repetir os pontos ensinados, que não perturba as aulas com perguntas, que não dá demonstrações de curiosidade, que se conserva imóvel na sua carteira horas e horas. A escola tradicional atrofia a atividade da criança, proibe-lhe indiretamente o raciocínio e torna os professores méros repetidores de uma exposição previamente escolhida e estudada. É devido ao mau método da escola atual que os alunos, que terminam o seu curso com brilhantismo, fracassam na vida social. Citou-nos o prof. Luiz Sanches Bezerra da Trindade vários casos dessa natureza e ocorreu-me, depois das suas palestras, uma comparação que julgo oportuna.

Num dos últimos meses do ano passado assisti a uma fita em que figurava um monstro de aço, fantástica invenção de um grande cientista. Este arcabouço de aço era dotado de grande força destruidora, visto que o seu inventor aplicara-lhe correntes elétricas da mais alta potência. Posto em funcionamento por meio de um pequenino aparelho que o cientista levava consigo, a uns poucos metros de distância, esse monstro de aço aplicava toda a sua força destruidora, caminhava para a direita ou para a esquerda, impellido sempre pelo inventor. Ferido este, impossibilitado de manejar a sua invenção, via-se o monstro estacar no meio da rua, sem atividade, sem saber para onde ir, sem saber aplicar toda a sua força. Faltou-lhe o impulso do inventor.

Muitos alunos da escola atual fazem na sociedade papeis semelhantes ao do monstro do aço.

Abandonando a escola, os alunos, cheios de conhecimentos de história, geografia, ciências, literatura, educação moral e cívica, geometria, lançados na sociedade, longe da tutela dos pais, sem ter diante de si o professor a lhe dizer constantemente:

«faça isso, não faça aquilo», fracassam na vida social. Não têm iniciativa, não sabem como aplicar os seus conhecimentos, não possuem atividade porque foi atrofiada na escola, são verdadeiros aleijados implorando o auxílio das muletas para se movimentarem.

É ainda devido ao mau método da escola atual que se ouve frases como estas: «Menino, você terminou o 4º ano e é um molengão, um tólo. Não sabe fazer uma compra; traz para casa gêneros completamente estragados; não repara no frêco! Que fez você na escola? Que lhe ensinou a sua professora?». E aí aparece a professora como única culpada da falta de atividade da criança. Entretanto, a professora trabalhou, esgotou o programa de acordo com o método da escola, ensinou o que a criança devia aprender e não é que a criança podia aprender e está ciente de ter cumprido o seu dever. A culpa é da escola.

A escola ativa, a escola do trabalho, é o segredo da educação fecunda. Lutar pela escola ativa, cooperar com os reformadores da educação no nosso Estado, deve ser a deliberação de cada professor. Não deve, porém, esta reforma ser feita rapidamente, dum momento para outro.

Devenos dar tempo ao tempo.

O primeiro grito contra a escola atual partiu da Alemanha. O professor Georg Kerchensteiner, da Universidade de Munich, no seu livro: «A alma do educador e o problema da formação do professor» faz sentir a necessidade da reforma escolar, dizendo: «Temos centro para instrução do homem tipo estético: escolas de artes aplicadas, escolas de Artes, Academias de música e Artes plásticas. Dispomos de instituições formadoras para o homem do tipo teórico: institutos de linguas antigas e modernas, escolas superiores e de ensino secundário e universidades. Possuimos também instituições preparatórias para o homem de tipo econômico: escolas de artes e ofícios, escolas especiais de comércio e agricultura e centros superiores para o estudo da técnica e ciências comerciais. Em compensação não existe nenhum centro para a formação do homem tipo social».

«O aprender é um ato vital do aluno».

«A ciência do mestre não produz tudo, não é a causa única ou total do saber do discípulo», diz-nos o Monsenhor Pedro de Amisio no seu livro: «Tratado de Pedagogia».

O aluno possui, como diz S. Tomaz, o lume intelectual, os primeiros princípios, e está munido de faculdades aptas a tirar das coisas as espécies ou noções e, assim, pôde por si mesmo chegar ao conhecimento das verdades. Portanto, o nosso aluno é capaz de observar, raciocinar, assimilar e formar juízos sem o auxílio do professor.

a escola nova que desenvolve a atividade do aluno, despertando nele o desejo de aprender.

Na escola nova o mestre oferecerá aos alunos, insensivelmente, fontes de observação aproveitando as tendências espontâneas, ensinando o que eles podem assimilar. É observando que os alunos relacionam as cousas e raciocinam. «Observar é mais do que perceber». A criança assimilará muito mais depressa o que lhe causa interesse. Despertar, pois, o interesse e o gosto da criança pelo que a cerca, e pelo que deve aprender, é uma obrigação do mestre na escola ativa. Na escola nova os centros de interesse, que devem ser organizados com a colaboração dos alunos, aguçam a curiosidade da criança aproveitando o professor, habilmente, a oportunidade para entrar no assunto que deseja. E se por qualquer eventualidade o professor não conseguir com o centro de interesse organizado entrar no assunto desejado, é porque a sua atividade, como professor, falhou. Não deve, porém, o professor desanimar. Organizará novos centros de interesse e, num belo dia, aparecerá a oportunidade.

Há necessidade de uma certa sistematização na escolha dos centros de interesse

As aulas globais que completam o trabalho da escola ativa põem em foco a atividade do professor.

As impressões da criança são globais; ela percebe o todo e não as partes.

Atividades escolares



Grupo Escolar "Paulo Zimmermann", de Rio do Sul



Grupo Escolar "Cruz e Souza", de Tijucas

Dentro de um plano de aula global pôde o professor dar todas as matérias do programa. Na escola ativa não são os programas círculos de ferro como na antiga, são maleáveis. É, porém, na escola ativa muito maior a responsabilidade do mestre.

O seu preparo tem de ser muito maior em todas as disciplinas, porque a todo instante pôde ser interrogado pelos alunos. Não deve o professor deixar sem resposta uma única pergunta feita por aluno, para que o aluno não perca o entusiasmo, não se aborreça, mas continue desenvolvendo a sua atividade. O professor na escola nova torna-se aluno, porque aprende da criança, o que deve ensinar. É ele o aluno mais velho.

Entretanto, não perderá ele a sua autoridade, mais do que na escola antiga, guarda o mestre o seu prestígio, pois é a ele que recorrem todos os alunos quando as dúvidas se tornam insolúveis para a capacidade da classe.

Na escola ativa, diz-nos o professor Everardo Backheuser, na maioria dos casos os mestres assumem o papel de sugestionadores, orientadores e coordenadores inteligentes, solícitos e afetuosos das tendências das crianças. Os centros de maior atividade na escola ativa são os clubes agrícolas escolares. Sobre este assunto ouvimos falar o professor João dos Santos Areão que, com muita clareza, explicou-nos as vantagens, finalidade e maneiras de organização dos mesmos clubes.

O prof. João dos Santos Areão leu uma parte da sua tese, que foi enviada aos membros da Semana Ruralista em Pernambuco, e na qual explicava o mesmo professor a contribuição que os clubes agrícolas fornecem à educação nas zonas rurais.

1º) — A socialização das crianças.

2º) — A globalização do ensino.

O dirigente de um clube, como diz o prof. Areão, pôde, durante os trabalhos que executa em conjunto com as crianças sócias do clube, inculir uma soma de conhecimentos, sem os esforços exigidos quando em aula. São conhecimentos de geometria, aritmética, escrituração mercantil, geologia, botânica, zoologia, educação física, linguagem e conhecimentos agrícolas. Que melhor idéia de lado pôde ser dada a um aluno do que fazendo com que ele próprio meça um dos lados de um canteiro, verificando ele mesmo que pôde haver um lado maior, outro igual e outro ainda menor do que o lado medido. Dessa maneira o professor tira do aluno a idéia de que lado é somente aquele traço que o professor faz no quadro, dizendo: «esta linha é um lado da figura».

Em Santa Catarina já foram fundados 26 clubes agrícolas, figurando entre eles o clube dirigido pelo professor Hollenweger, em Garcia, município de Blumenau. E todos os demais clubes agrícolas se encontram em plena prosperidade para maior contentamento dos que trabalham pelos centros de atividade no nosso Estado.

Agradecendo a honrosa visita da comissão acima citada, termino o meu relatório, desejando que todos os que trabalham pela reforma educacional possam vêr as suas escolas transformadas em pequenas oficinas de trabalho.

S. Francisco, 14 de agosto de 1936.

Leonor Olivet

BLUMENAU

Segunda-feira, 13 do corrente, deu-se início nesta cidade à semana pedagógica, que teve por objeto a reunião de todos os professores do município de Blumenau, a fim de lhes dar uns novos elementos de que necessitam estes, no desempenho de sua sublime missão.

Em todos os dias desta semana houve explicações e práticas aos professores, conferências feitas pelos exmos. srs. professores Luiz Sanches Bezerra da Trindade, João dos Santos Areão, Antônio Lúcio e Francisco Barreiros Filho, as quais têm um fim elevado.

Diversos assuntos úteis foram demonstrados aos professores rurais, entre estes esclarecimentos sobre a escola ativa, que vem com êxito substituir a escola tradicional, tão prejudicial ao temperamento da nossa gente; sobre os clubes agrícolas, caixas escolares e bibliotecas.

O assunto que mais me prendeu a atenção foi a necessidade dos clubes agrícolas, caixas escolares e bibliotecas, que prestam grandes serviços à educação.

Os clubes agrícolas são indispensáveis às zonas rurais, como também nas cidades; por meio deles o sertanejo compreende o seu valor e o habitante da cidade aprende a não menosprezá-lo. Serve para dar aos homens o gosto pela vida do campo, que é o único meio de combater o urbanismo, inimigo da prosperidade da nossa terra. O Brasil só será feliz quando os brasileiros compreenderem o valor da cultura das terras.

Também as caixas escolares têm um fundo educativo de alta finalidade, na época agitada que atravessamos, em que a base da sociedade é a comunhão. Visto este espírito de comunidade ser necessário às crianças, resolveu-se criar as caixas escolares, com o fim de implantar nas mesmas o gênio da cooperação.

Destá maneira se vão formando elementos de valor que contribuirão muito para aliviar as lutas de desigualdade de classes.

As bibliotecas têm um fundo educativo. Para se organizar uma biblioteca não é necessário começar-se com uma quantidade avultada de livros, mas sim com poucos, que depois serão aumentados por doação, contribuição dos alunos, pelas caixas escolares, pois uma parte da renda desta instituição é destinada para esse fim.

Uma biblioteca tem a vantagem de despertar nos alunos o gosto pela leitura. Apesar da falta de idéia para me expressar melhor espero ser compreendido nesses termos.

(ass.) **Leonardo Maheiros**

Aluno do 3º ano da Escola Normal Primária de Blumenau.

LAGUNA

A AGRICULTURA

Nós devemos procurar tratar das plantas e cultivar a terra para quando formos maiores, já donas de casa, sabermos o dia em que se planta e o dia em que se colhe, não se perdendo assim a semente. Para que a plantação seja boa, devemos estrumar a terra e revolvê-la; os meses em que há mais flores são justamente os da primavera, Setembro, Outubro e Novembro. Quando a estação não é chuvosa regam-se abundantemente as plantas de manhã e ao cair da tarde.

Não só das flores devemos cuidar, lembremos também das hortaliças, para as quais precisamos cultivar a terra, preparando-a para receber sementes que em breve nos darão boas couves, alfaces, etc. Da mesma terra cultivada nos vêm as mais gostosas frutas, portanto devemos olhar com carinho para todas as plantações, limpando-as de todos os bichinhos e impurezas que possam prejudicá-las.

Este é o relatório de nossa primeira lição sobre agricultura, da qual nos foi mestre o prof. João dos Santos Areão, que nos deu as explicações necessárias para que pudéssemos compreender as vantagens do clube agrícola que cremos com o nome histórico de «Tiradentes».

Laguna, 29-6-1936. — Grupo Escolar «Jerônimo Coelho» — 4º ano.

(ass.) **Magali Lebarbenchon**

Educação física

A. LÚCIO
Inspetor escolar

(Continuação do n. 3)

Sessão de jogos n. 1

(CICLO ELEMENTAR — DURAÇÃO: 20 MINUTOS)

Sessão preparatória 4 minutos

Evoluções:

- a) marcha em círculo (para meninos) n. 19
b) roda (para meninas) n. 33

Flexionamento:

de braços—flexão dos ante-braços (diferentes planos) n. 43

Ritmo—8 movimentos por minuto

Repetição—mínimo 5 movimento, máximo 10.

de pernas—mãos nos quadris—elevação do (diferentes planos) n. 56

Ritmo—6 movimentos por minuto

Repetição—mínimo 4, máximo 8.

de tronco—afastamento lateral, flexão e extensão do tronco n. 72

(Vamos apanhar a flor!!!)

Ritmo—7 movimentos por minuto

Repetição—mínimo 6, máximo 12

caixa torácica—cheirar a flôr (vamos cheirar a flor!) n. 94

Sessão de JOGOS propriamente dita 14 minutos

- a)—o passo do gigante n. 400
b)—apanhar a borboleta n. 214
c)—não passarás n. 445

Volta à calma 2 minutos

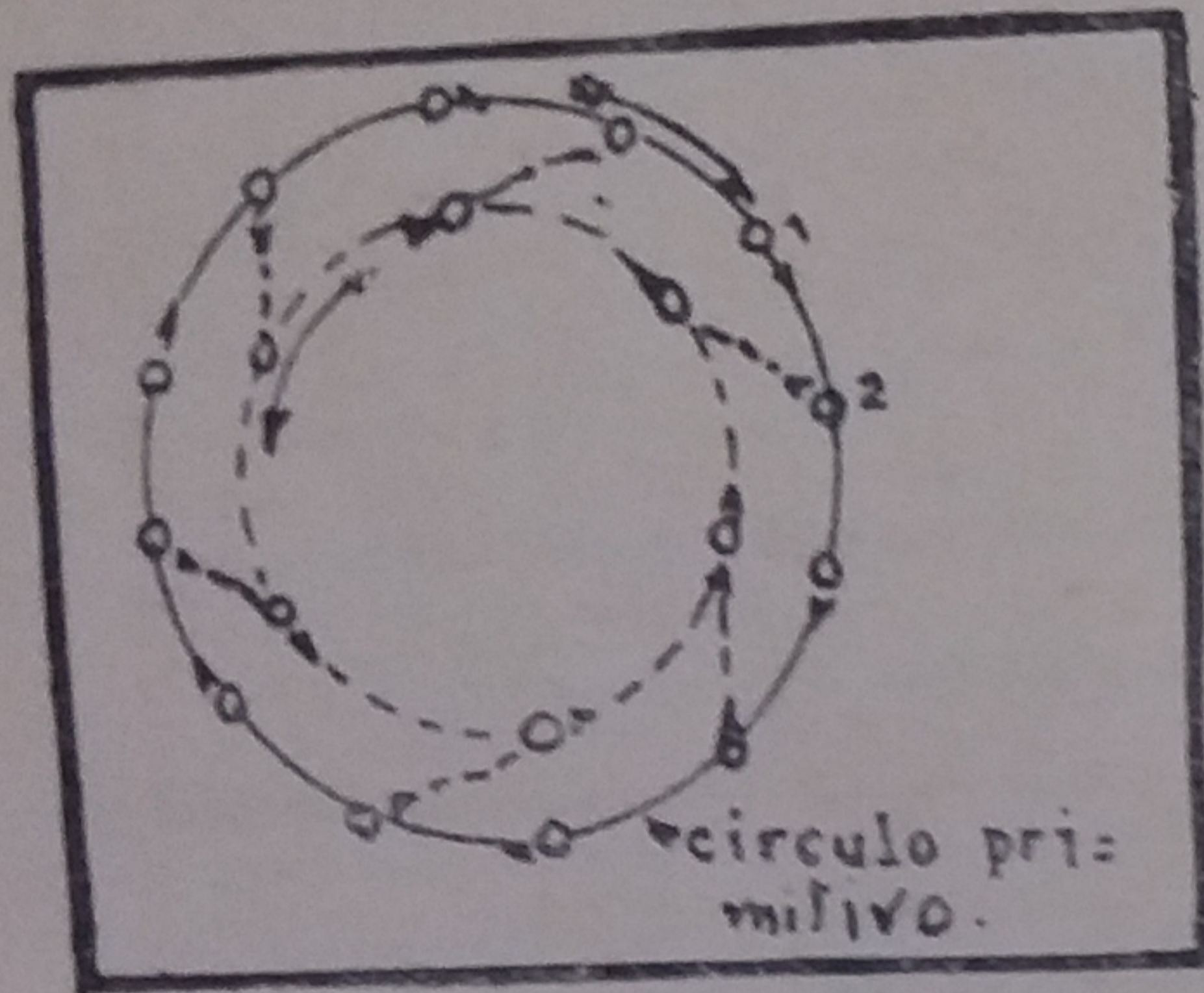
exercícios respiratórios

marcha com canto

exercícios de ordem

Descrição dos exercícios da sessão de Jogos n.º 1

Marcha em círculo (para meninos) N.º 19



A escola estando formada em círculo, manda-se numerar. À indicação «Números pares (ímpares) formar o círculo interior, marche!» os números pares (ímpares) mudam de direção para o interior e formam um círculo marchando em sentido oposto ao dos números ímpares (pares).

À indicação «Reformar o círculo-Marche» os números pares (ímpares) retomam seus lugares no círculo primitivo.

À indicação «Números pares (ímpares) formar o círculo exterior-Marche!», os números pares (ímpares) mudam de direção para o exterior e formam um outro

círculo marchando em sentido oposto ao dos números ímpares (pares).

À indicação «Reformar o círculo», os números pares (ímpares) retomam seus lugares no círculo primitivo.

Rodas (para meninas) N.º 33

(Ver página 17 do resumo do Regulamento de Educação Física)

O instrutor faz os alunos executarem rodas deslocando-se, alternadamente, para a esquerda e para a direita.

As rodas são interrompidas para que as alunas, imitando o instrutor, executem alguns gestos simples e recreativos.

Ao instrutor incumbe a escolha das rodas de acordo com as tradições locais e com a preferência dos alunos. Tanto quanto possível essa escolha deverá recair sobre motivos bem brasileiros. A título de exemplo citaremos:

Na Bahia tem, tem, tem, tem,
Vamos, maninha, vamos
No nosso tempo de colégio,
Carneirinho, carneirão,
Ciranda, cirandinha,
Passa, passa, gavião.

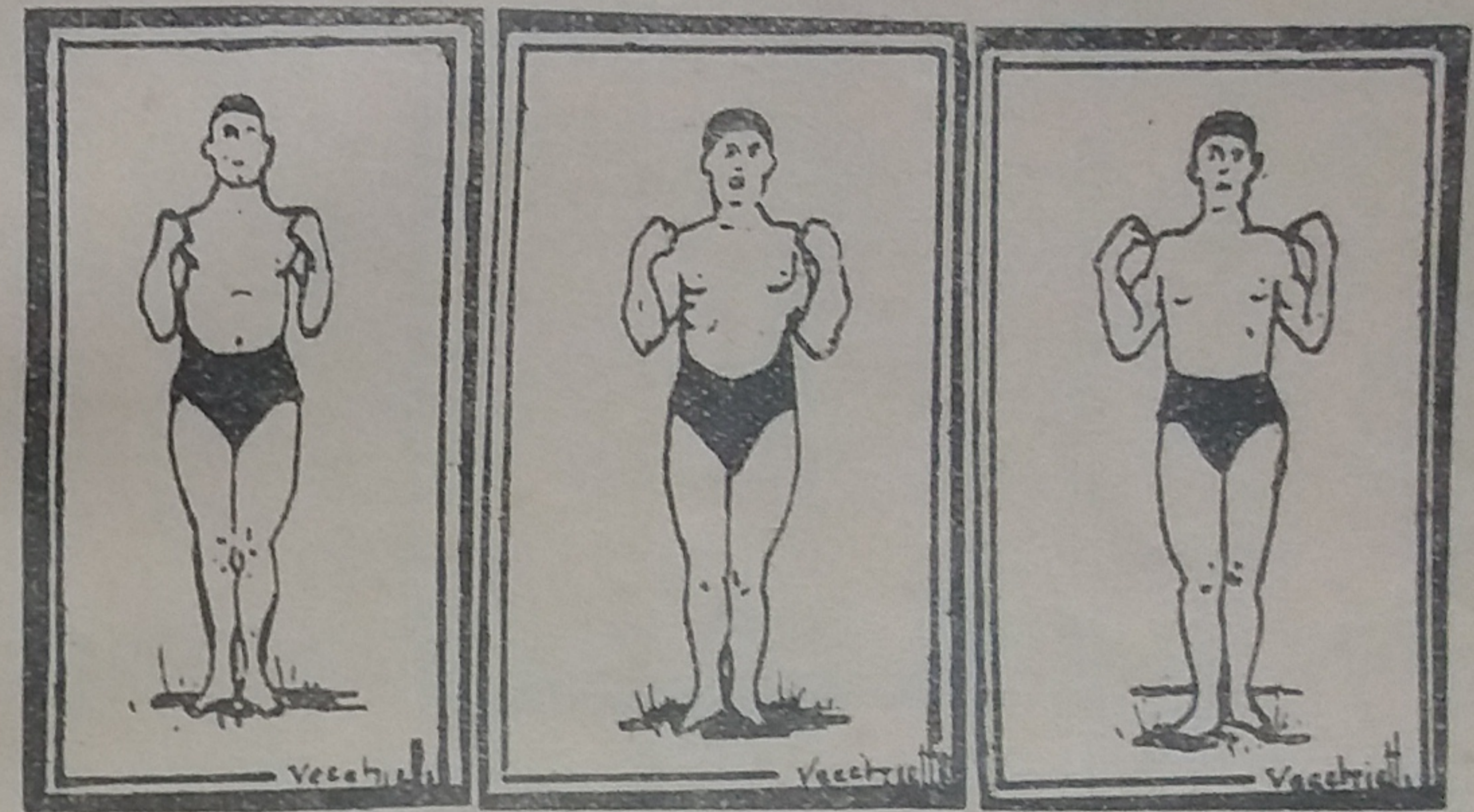
Flexionamento de braços

flexão dos ante-braços (diferentes planos) N.º 43

(Quando o enunciado do flexionamento comporta a indicação—diferentes planos.—o movimento deve ser executado nos três planos verticais: ântero-posterior, oblíquo e lateral.

Para que o trabalho seja completo, o seguimento deslocado deve ser levado no fim do movimento, em cada plano, o mais atrás possível).

Flexão dos ante-braços (diferentes planos)

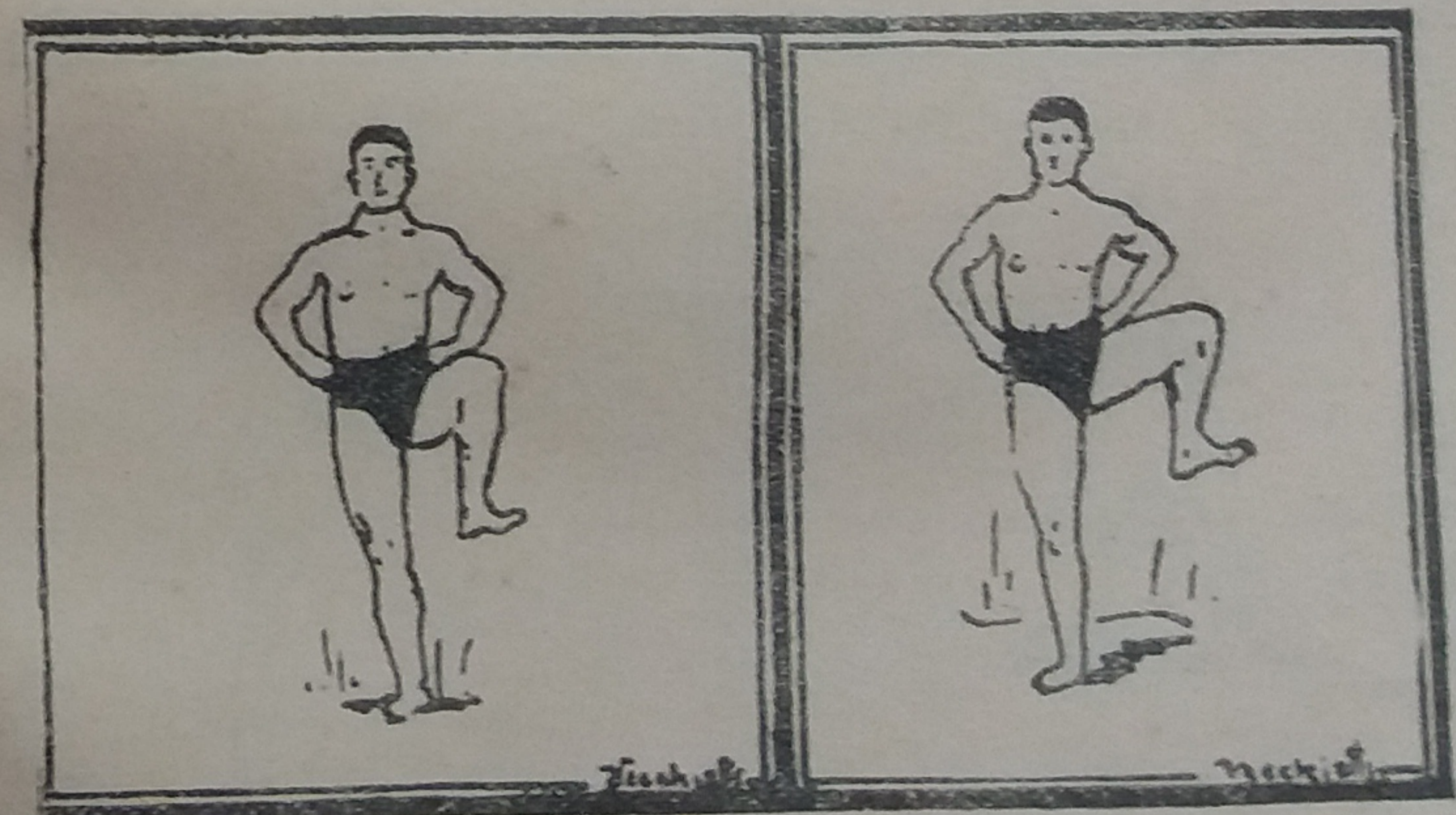


Flexionar os ante-braços no plano ântero-posterior, punhos flexíveis, terminar o movimento focando o ombro com o dedo médio, voltar à posição de partida. Executar o movimento no plano oblíquo, depois no lateral.

Cotovelos levados para a frente no momento da flexão.

Flexionamento de pernas

Mãos nos quadris; elevação do joelho (diferentes planos)





Descrição do movimento:

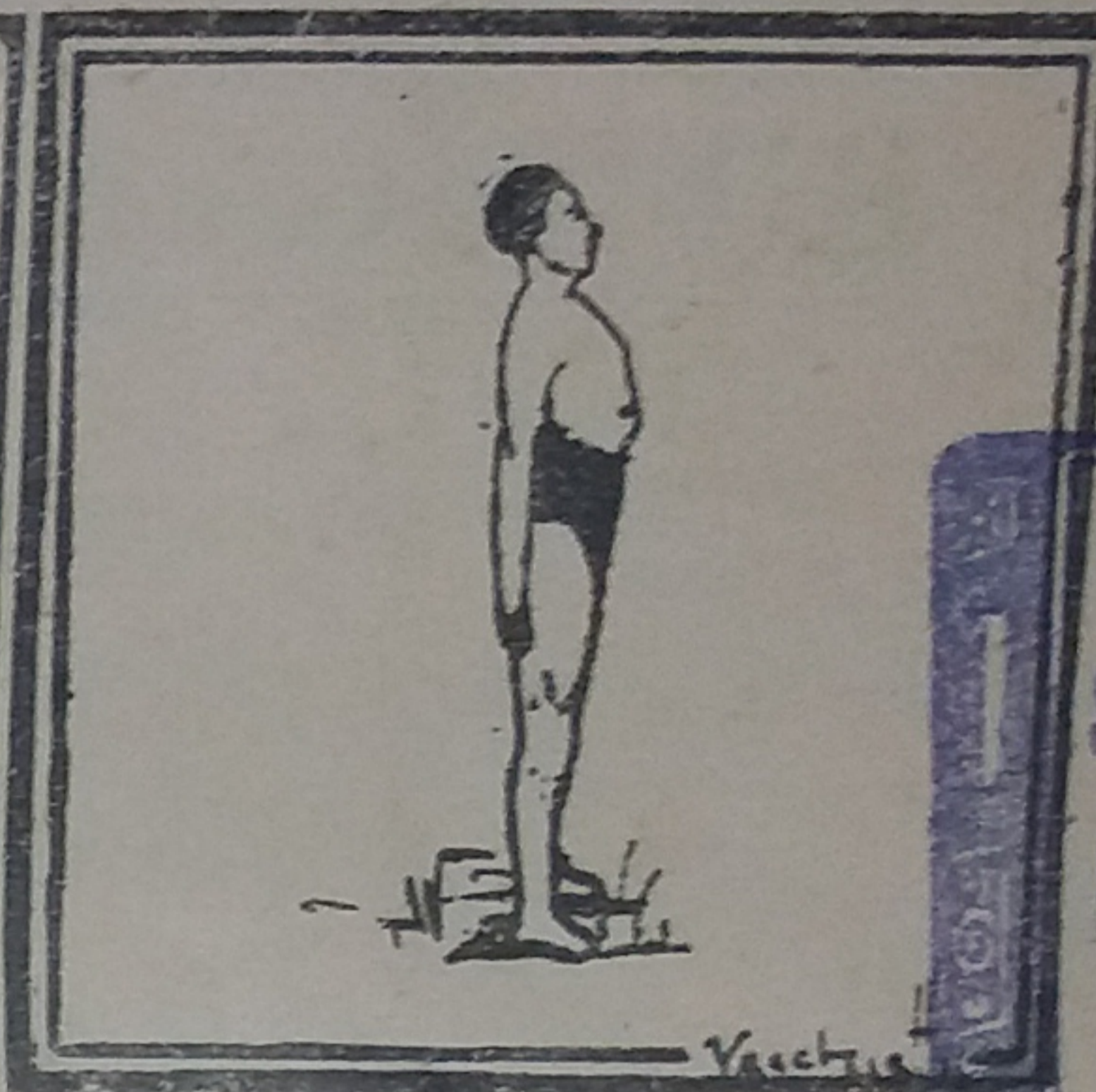
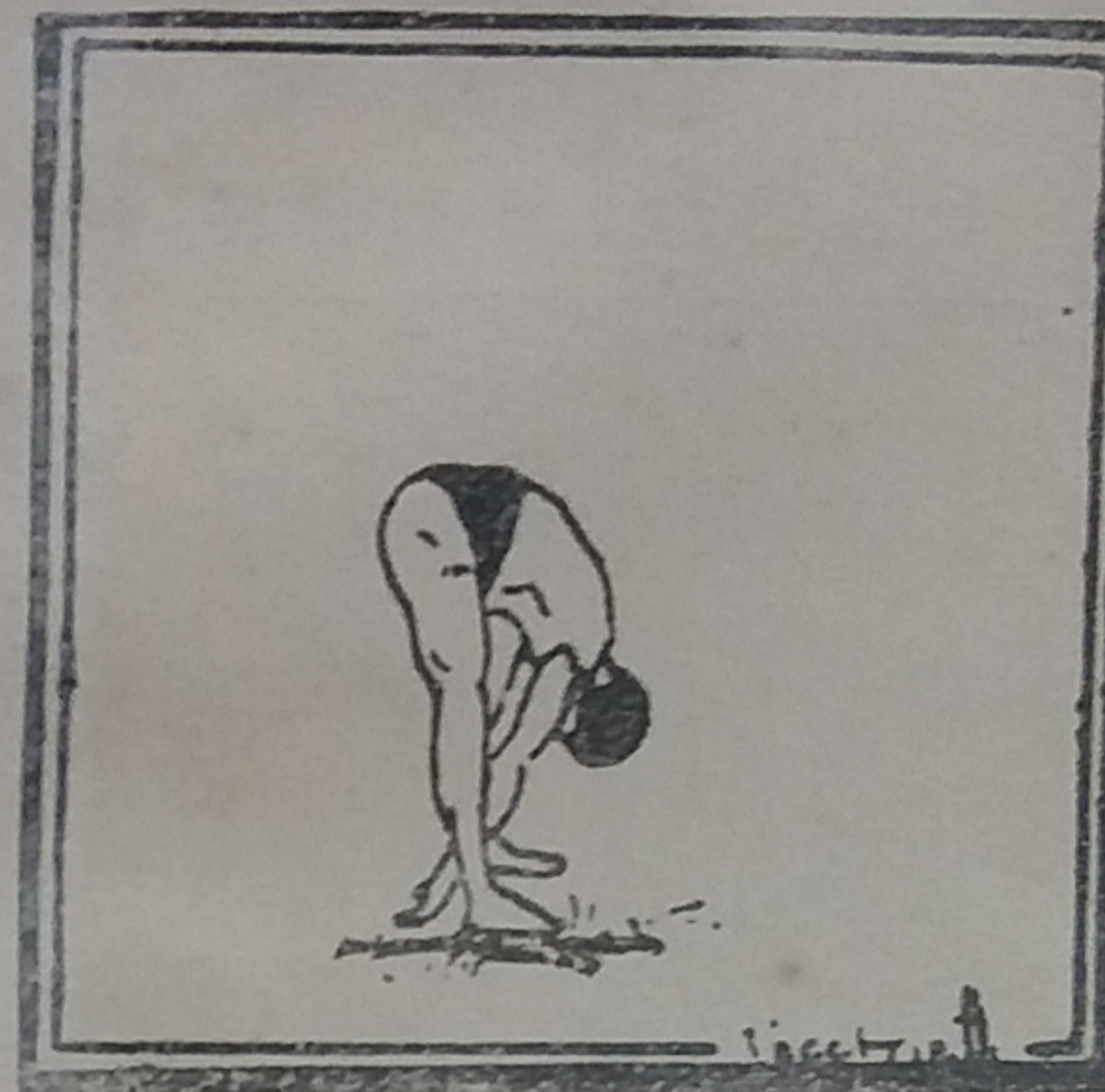
Eleva o joelho o mais alto possível, sucessivamente, nos planos antero-posterior, obliquo e lateral, pé em flexão durante o abaixamento. Passar do exercício feito em um plano a outro, sem pousar o pé no chão.

Erros a evitar:

Rotação do tronco, durante a elevação do joelho, nos planos obliquo e lateral. Não elevar o joelho o mais alto que for possível.

Flexionamento do tronco

afastamento lateral — flexão e extensão do tronco



Descrição do movimento:

Flexionar o mais possível a cabeça e o tronco para a frente, as pernas estendidas, as espáduas relaxadas, os braços caídos procurando ultrapassar os calcanhares, depois endireitar o corpo o mais possível, o tronco e a cabeça em extensão, as espáduas levadas para traz, os braços seguindo o movimento dos espáduas.

Erros a evitar:

Flexão e extensão incompletas.
Flexionar as pernas levando a para a frente durante a extensão.

ESTADO
Sta. CATH
BIBLIOTHA
PUBLI
Florianópolis

Caixa torácica

Cheirar a flor

As crianças fazem o gesto de colher uma flor e levando a mão à altura das narinas tomam uma profunda inspiração.

O passo do gigante

Estando os jogadores colocados em linha (uma fileira), ao sinal dado pelo instrutor, eles partem a passos largos até uma linha afastada previamente traçada no terreno; é considerado vencedor aquele que transpuzer a distância a percorrer com o menor número de passos.

Apanhar a borboleta

Ao sinal dado pelo professor as crianças dispersam-se para todos os lados, correndo e saltando, levando as mãos ao ar como para apanhar as borboletas que vôm. Durante toda a corrida as crianças devem imitar o vôo das borboletas.

Não passarás

As crianças são divididas em dois campos, colocadas em duas linhas, uma de frente para a outra. Ao sinal dado, a primeira fileira procura romper a barreira formada pela segunda na qual os seus jogadores estenderão os braços lateralmente, separando as pernas e procurando por todos os meios impedir que os seus adversários rompam a fileira assim formada.

Bibliotecas escolares

Plano de vendas a prestações :

Compras no valor de	20% à vista e	4 prestações de	20%
100\$	»	5	24\$
150\$	»	5	32\$
200\$	»	5	40\$
250\$	»	6	40\$
300\$	»	7	40\$
350\$	»	8	40\$
400\$	»	9	40\$
450\$	»	10	40\$

Fichas de modelo «Stand» a preços do custo tipográfico, conforme tabela abaixo :

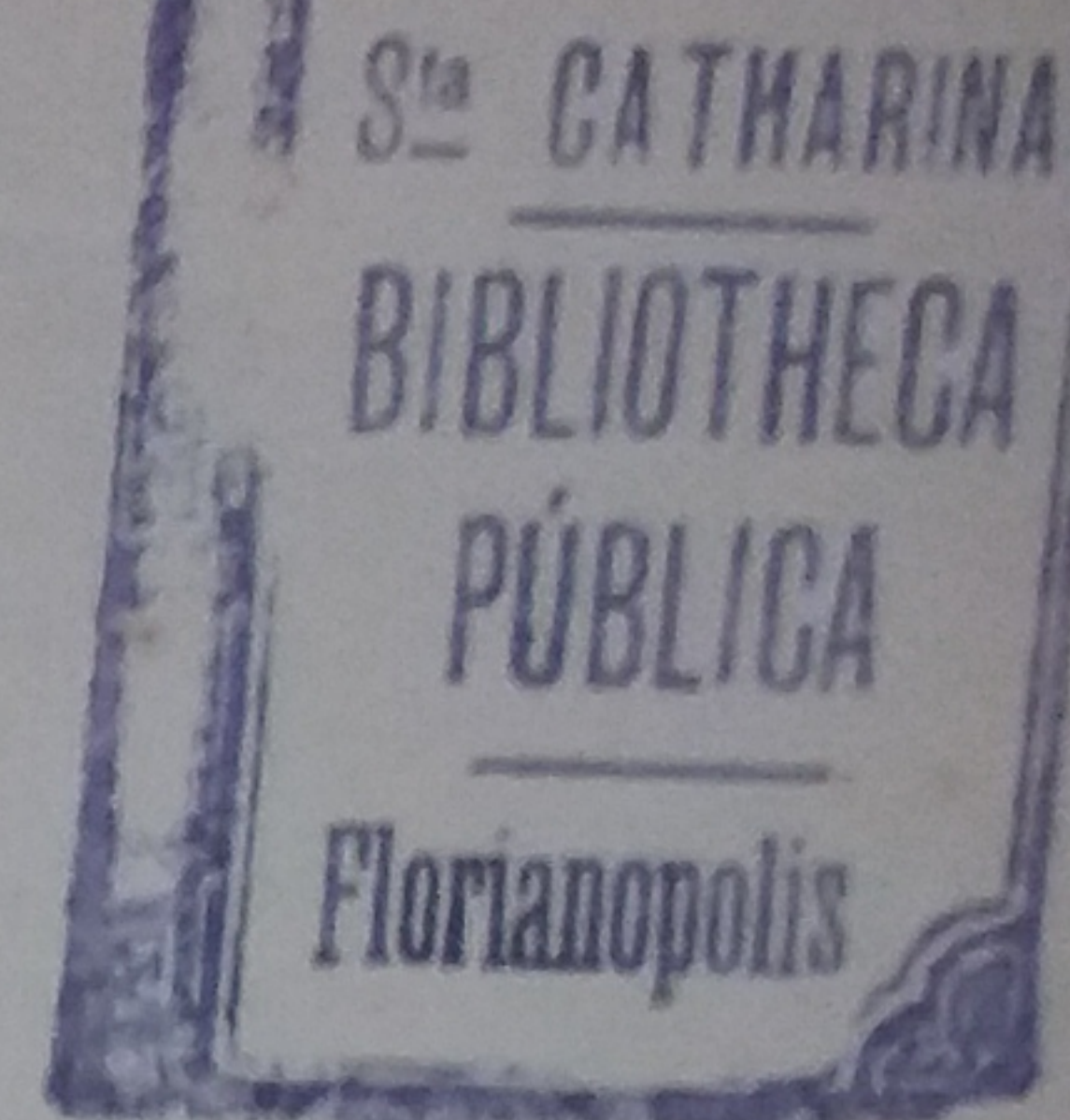
Modelo n. 1	cento	1\$500
» 2	»	3\$600
» 3	»	3\$000
» 4	»	3\$000
» 5	»	3\$000

Fornecemos catálogos e instruções para sua organização

Companhia Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 118

SÃO PAULO



Escola Municipal de Vila Nova, no município de Blumenau



SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS CLUBES AGRÍCOLAS ESCOLARES

SÉRIE EDUCATIVA

Um clube agrícola atuando como centro
nacionalizador em Santa Catarina

por RAUL DE PAULA

Em Garcia, distrito de Blumenau, fundou a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, na escola estadual, um Clube Agrícola, que desde aquela data, 15 de fevereiro de 1935, até hoje, realizou obra notável não só de educação rural como de aproximação dos colonos, pais dos alunos, para assistirem festas, feiras e exposições que o Clube tem realizado.

Em pouco mais de um ano de existência o Clube levou avante o seguinte trabalho:

- 1—Medição do terreno com bússola e corrente e levantamento da planta.
- 2—O terreno do Clube foi cercado numa extensão de 375 metros, com sarrafos, doação do sr. Medeiros Junior.
- 3—O bréjo existente foi drenado e valas foram abertas.
- 4—Foram, pelos alunos, construídos boeiros para escoamento das águas paradas.
- 5—Sobre as valas construíram-se pontes que foram embelezadas com roseiras nos balaustres.
- 6—Foi aberto um pôço para fornecer água à horta.
- 7—O bréjo maior foi saneado e transformado em uma lagôa para criação de peixes. Essa lagôa tem 1.110 metros quadrados de superfície.
- 8—Foram abertos 950 metros de picadão na mata, aos fundos da escola, e ao longo dos caminhos foram plantadas árvores ornamentais.
- 9—Arrancaram-se, com alavanca, 182 tócos do campo do Clube Agrícola, existentes na parte sêca.
- 10—No campo construiu-se uma casinha de jardim com 3 x 4 metros, coberta de telhas e fechada por latadas.
- 11—Fez-se o apiário que tem 4 colmeias.
- 12—A roda d'água do moinho de milho foi preparada pelas crianças e professor. Está ligada a um sino que toca chamando a atenção dos transeuntes que passam para a Escola.
- 13—O Clube permitiu a adaptação de tradições européas ao nosso ambiente: as crianças construíram o lar do anão, figura lendária, símbolo da atividade, cooperação, auxílio, filantropia; a casa tem cosinha, mobília; o anão de cimento tem um carro nas mãos, carregando carvão do pedra, picaretas e flôres.
- 14—Plantou-se o pomar com 110 árvores frutíferas.
- 15—Foi apanhado, no mato, grande número de orquídeas e de plantas ornamentais para decoração do Clube.
- 16—O amoreiral tem 750 árvores.
- 17—Na encosta da ladeira onde está a escola, plantou-se uma vinha.
- 18—Fez-se um bosque variado onde há também árvores exóticas.

- 19—Em pedaços de taquarussús colocaram os meninos um milhar de ninhos que atraíram para o Clube 51 espécies de pássaros.
 20—Fez-se a Semana do Inseto Nocivo.
 21—290 canteiros estão plantados com flores e hortaliças.
 22—Fez-se a cultura de plantas medicinais para uso dos sócios e de seus pais.
 23—Para centros de interesse e fornecimento de material para as classes fizeram-se plantações de cana, feijão, soja, batatas e morangos.
 24—Toda a região da escola está sendo reflorestada pelos alunos.
 25—Fizeram-se experiências de adubos.
 26—Organizou-se a Biblioteca do Clube e fez-se uma galeria de grandes brasileiros.

Eis a obra de um Clube Agrícola da S. A. A. T., levada avante pelo professor Rodolpho Hollenweger. Recente visita do sr. Raul de Paula motivou ali o plantio de um pau Brasil, oferecido pelas crianças de Pernambuco. Ainda esse Clube se tornou um centro pedagógico como o prova a seguinte portaria da Prefeitura de Blumenau:

PORTARIA N. 16

No propósito de dotar as escolas municipais de Clubes Agrícolas Escolares nos moldes dos que, em todo o Brasil, vêm prestando excelentes serviços à educação das crianças nas zonas rurais, todos os professores municipais deverão comparecer, em turmas e nos dias designados a seguir, à escola estadual de Garcia, desta cidade, e ali permanecerem durante três dias, de acordo com a relação abaixo, afim de que, sob a direção do professor Rodolpho Hollenweger, recebam as necessárias instruções que os habilitem a fundar e dirigir, nas respectivas escolas, Clubes Agrícolas idênticos ao que o professor Hollenweger dirige no citado lugar.

Os dias em que os professores permanecerem fora da sede de suas escolas serão de férias para os respectivos alunos.

Os intendentos distritais ficam autorizados a fornecer passagens de ida e volta, por conta desta Prefeitura, aos professores dos respectivos distritos que devam transportar-se a esta cidade.

Esta Prefeitura providenciará a hospedagem dos professores e estabelecerá, de acordo com o inspetor da Instrução Municipal e com o professor Hollenweger, o programa a ser observado.

Nos dias designados na relação abaixo, os professores citados deverão estar às 7 horas na escola de Garcia.

PRIMEIRA TURMA — Do dia 15 até o dia 17 do corrente mês de junho:
 Leonidas Westarb, da escola de Aguada; Cacilda Schmidt, da escola da Velha; Maria E. Castro Laux, da escola de Vila Nova; Felix Vitorino dos Santos, da escola de Belchior; Rafael Viek, da escola de Itoupava.

SEGUNDA TURMA — Do dia 18 até o dia 20 do corrente mês de junho:
 João Demétrio de Oliveira, da escola de Testo; Lilian Phillips, da escola de Badenfurt; Rodolpho Decker, da escola de Ribeirão Souto; Henrique Raduenz, da escola de Ribeirão Herdt; Manoel Luiz dos Santos, da escola de Sete de Janeiro.

TERCEIRA TURMA — Do dia 22 até o dia 24 do corrente mês de junho:
 Anselmo Guesser, da escola de Massaranduba Central; João Harst, da escola de Massaranduba Baixa; Silvestre Strzalkowski, da escola de Campina Central; Belmiro Amorim, da escola de Guarani-Mirim; Angelo Deretti, da escola de Braço do Norte.

QUARTA TURMA — Do dia 25 até o dia 27 do corrente mês de junho:
 Mística Volpi, da escola de Alto Guarani-Assú; Leonor Baier, da escola de Massarandubinha; Clara Deretti, da escola de Guarani-Assú; Pascoal Deretti, da escola de Linha Telegráfica.

Blumenau, 8 de junho de 1936.

(ass.) *Alberto Steim* — Prefeito.

UMA LEMBRANÇA

JOÃO AMBRÓSIO DA SILVA

Santa Catarina, batizada pelos primeiros navegantes com o nome da grande mártir das perseguições pagãs, tem sido berço carinhoso e bom de muitos homens de real valor.

Na política, na administração, nas letras e nas artes, Santa Catarina aponta ao país inteiro uma galeria nobre de muitos e distintos filhos.

E no magistério — graças rendâmos a Deus — também. O magistério barrigaverde conta, na sua poderosa esfera, com verdadeiras e concretas abnegações, com verdadeiras e legítimas expressões de virtudes sacerdotais.

O professor primário, ermitão da pátria, solitário do bem, isolado, no campo ou no mato, ensina, indica às gerações que surgem o caminho incerto, o íter enigma da existência, e equilibra e incute com o seu exemplo e a sua fervorosa palavra de todo um puro patriotismo; os primeiros sentimentos de altivez cívica e de amor a este formoso e muito hospitaleiro Brasil, nossa prezada e estremecida Pátria.

Mas o professor primário, o mestre, tem sido colocado — digâmos contristado! — num plano muito inferior ao em que devia estar.

Muitos — e quantos! — dos que lutaram com denodo e perseverança, quando ainda a escola obedecia ao ritmo de antanho, estão, hoje, esquecidos, distanciados pelo tempo.

Quantos! . . .

E entre êsses, o professor José Rodrigues Lopes, de saudosa memória, o profomestre de Palhoça, que ali alfabetizou uma geração inteira.

Palhoça tem o seu importante Grupo Escolar, cujo patrão é glória, é honra para o magistério catarinense. Bem orientado, pela linha de inteira justiça e de gratidão, andou, portanto, quem se lembrou do grande mestre, que tanto honrou a nossa importante Escola Normal.

Mas o profomestre de primeiras letras que dedicou os melhores dos seus esforços e encaneceu desempenhando-se com zelo na vida escolar, precisa também ser lembrado para patrão de um dos grupos escolares que estão para ser creados. E' gratidão, é justiça.

As sôpas enganam a fome

Embóra dêem sensação de saciedade, as sôpas são, em geral, pouco nutritivas. Como as bebidas excitantes, elas devem ser evitadas no regimen dos desnutridos, que erroneamente costumam dar-lhes preferência.

Semana educativa

Com o título acima, o Departamento de Educação tem realizado em diversos municípios a SEMANA EDUCATIVA.

Depois da de Laguna, tivemos a de Blumenau, cujos trabalhos publicamos.

Iniciada a 13 de julho, teve o comparecimento de 107 professores.

Os trabalhos se dividiram em duas partes: a primeira era realizada no Grupo Escolar «Luiz Delfino», constante de aulas e palestras pedagógicas, para os professores. A segunda, realizava-se no salão do Clube Náutico America e constava de palestras educativas e números de arte, com a colaboração do professorado. Estas sessões eram irradiadas pela PRC 4, Rádio Cultura de Blumenau, que prestou o seu concurso a todos os trabalhos ali efetivados.

Foi o seguinte o programa observado:

DIA 13

1) — Instalação dos trabalhos, pelo diretor do Departamento de Educação e com a presença de autoridades locais;

2) — A escola ativa—prof. Luiz Trindade;

3) — Diretrizes vernáculo-nacionalistas—prof. Barreiros Filho;

4) — O ensino de leitura e a sua metodologia—prof. A. Lúcio;

5) — Nacionalização do ensino—prof. J. S. Areão;

6) — Educação moral e cívica na escola—prof. A. Lúcio;

7) — Às 20 horas, no salão do C. N. America e irradiada pela Rádio Cultura de Blumenau:

1) — Resumo dos trabalhos do dia—prof. Luiz Trindade;

2) — Instituições sociais na escola—prof. A. Lúcio;

3) — Motivos das semanas educativas—prof. Barreiros Filho.

DIA 14

1a. PARTE

No Grupo Escolar

1) — Escrituração escolar—profs. Areão e Celso Rila;

2) — Uma aula de vernáculo—prof. Barreiros Filho;

3) — Bibliotecas e caixas escolares e sua organização—prof. A. Lúcio;

4) — Aula global—prof. Luiz Trindade;

5) — Os clubes agrícolas e sua organização—prof. J. S. Areão;

6) — A ginástica e o canto nas escolas—prof. Luiz Trindade;

7) — Metodologia da Aritmética—prof. J. S. Areão.

2a. PARTE

No C. N. America

1) — Resumo dos trabalhos do dia—prof. Luiz Trindade;

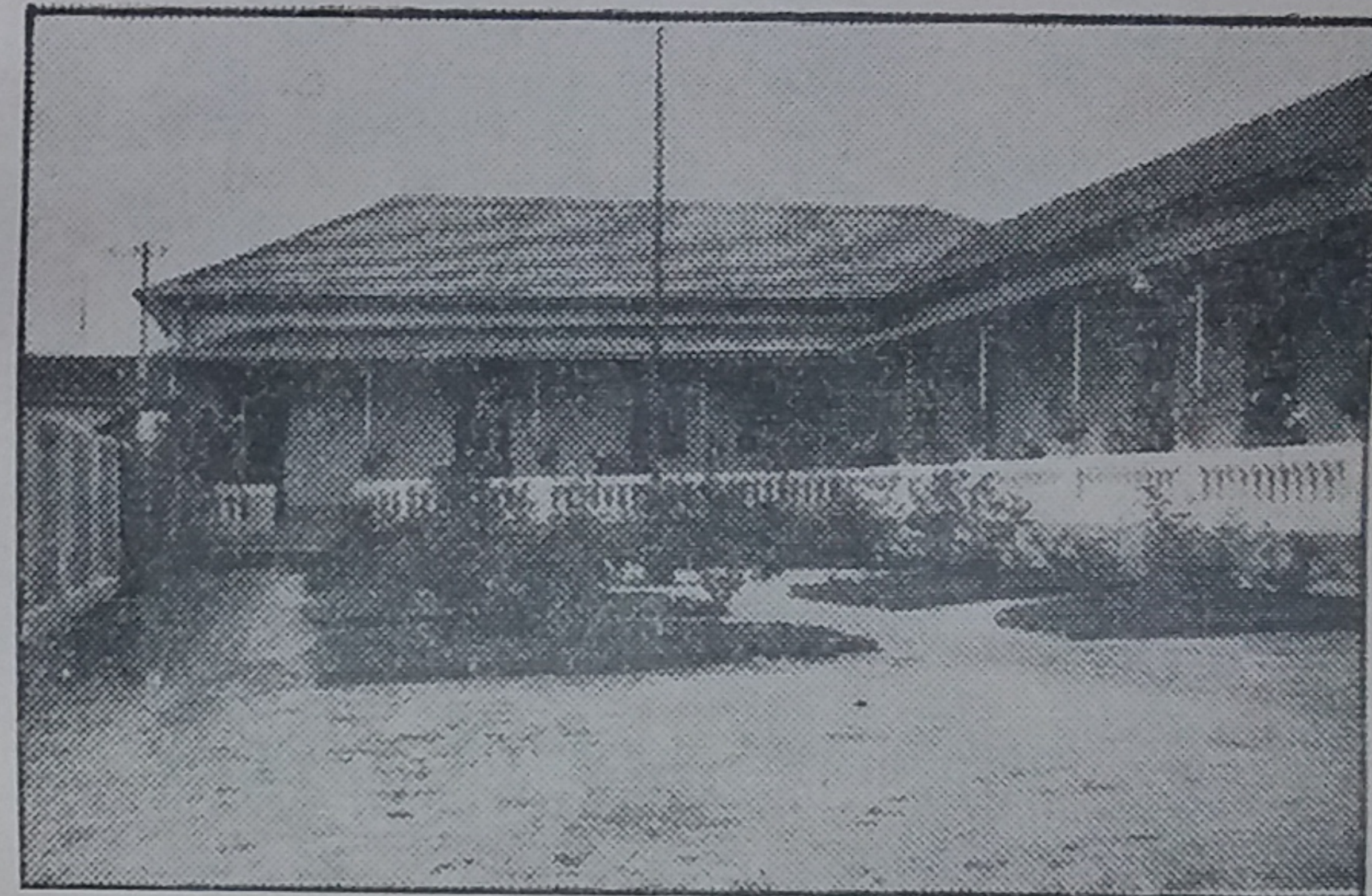
2) — Os clubes agrícolas—prof. J. S. Areão;

3) — O vernáculo como elemento imprescindível de pátria—prof. Barreiros Filho;

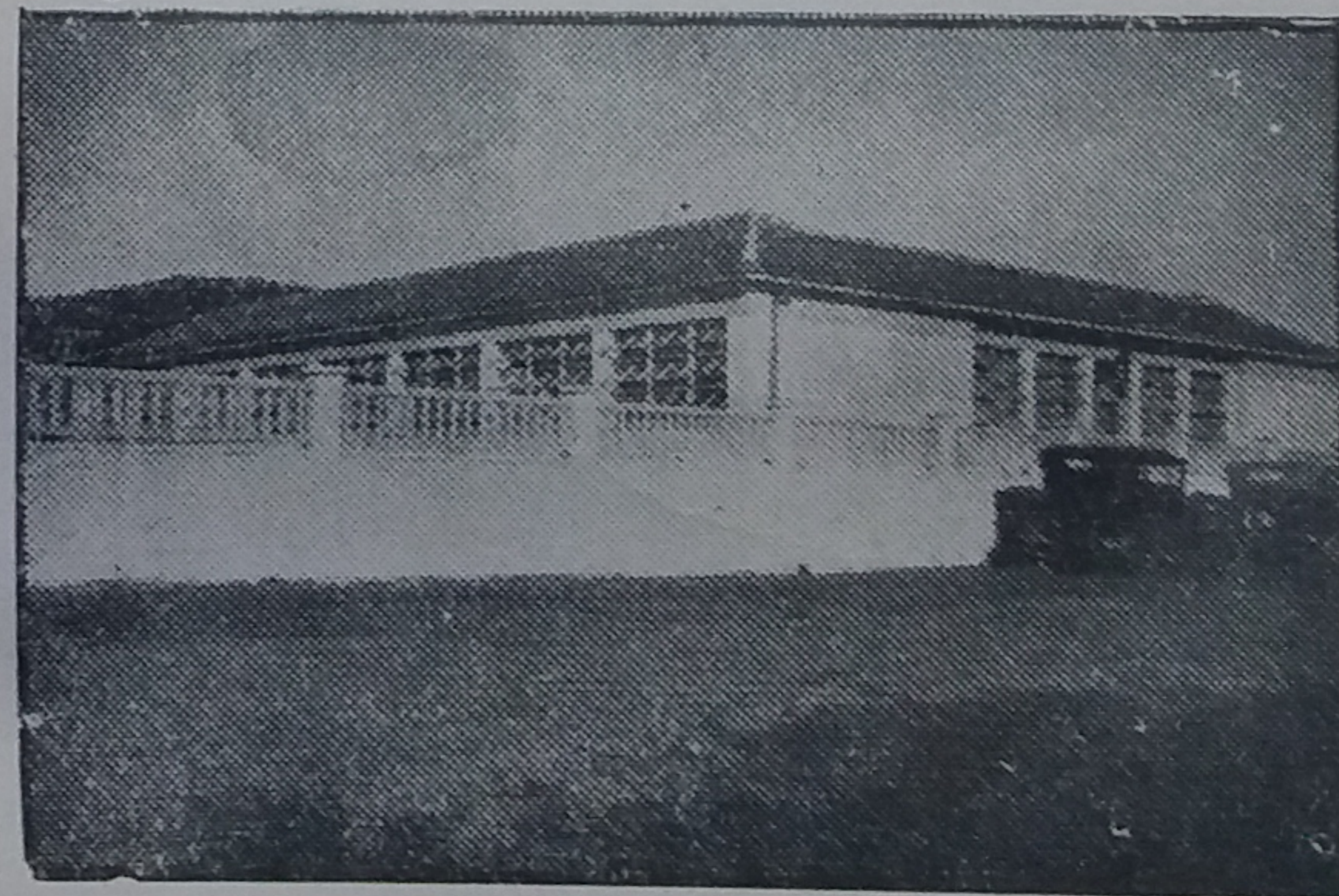
4) — A educação popular em Santa Catarina—prof. A. Lúcio;

5) — Hora de arte, com vários números de música, canto e declamação, pelos professores.

Atividades escolares



Grupo Escolar "Prof. José Brasilício", de Biguassú



Grupo Escolar "Prof. Germano Timm", de Joinville

DIA 15

No Grupo Escolar

- I — Como ensinar linguagem oral e escrita — A. Lúcio;
- II — Uma aula de vernáculo — Barreiros Filho;
- III — Legislação escolar — Luiz Trindade;
- IV — Organização do jornal escolar orientado por J. dos S. Areão;
- V — Uma aula global — Luiz Trindade;
- VI — Os clubes agrícolas escolares — J. S. Areão;
- VII — Escrituração escolar — J. S. Areão e Celso Rila;
- VIII — Metodologia da escola ativa — Luiz Trindade.

*No Clube America**(às 20 horas)*

- I — Resumo dos trabalhos do dia — Luiz Trindade;
- II — Crianças dificilmente disciplináveis — dr. Paulo Carvalho;
- III — Hora de arte — Nesta tomaram parte os professores Barreiros Filho, Rodolfo Gerlach, Atalá Branco, Maria de Lourdes Reis, Leonor Schmidt, Maria de Lourdes Stoltz e João dos Santos Areão.

DIA 16

Excursão escolar a Garcia. No estádio do «Amazonas F. C.», realizou-se uma brilhante festa com cantos, música, recitativos, jogos e demonstrações de Educação Física.

*No Clube America**(às 20 horas)*

- I — A Constituição da República — Barreiros Filho;
- II — Hora de arte — Com o concurso dos professores Rodolfo Gerlach, Leonor Schmidt, Atalá Branco, Maria de Lourdes Stoltz, Teodosio M. Vanderlei, Maria de Lourdes Reis, João S. Areão, Madames dr. Luna Freire e Celso Rila.

DIA 17

No Grupo Escolar

- I — Uma aula de vernáculo — Barreiros Filho;
- II — Aula global para o 3º ano — Luiz Trindade;
- III — A higiene e excursão escolares — Luiz Trindade;
- IV — No Colégio Sagrada Família foi oferecida aos membros da Semana Educativa uma brilhante festa, na qual foi executado um excelente programa litero-musical.

*No Clube America**(às 20 horas)*

- I — Resumo dos trabalhos do dia — Luiz Trindade;
- II — Hora de arte.

DIA 18

No Grupo Escolar

- I — Os clubes agrícolas escolares — J. S. Areão;
 II — Aula de vernáculo — Barreiros Filho;
 III — O ensino religioso — Luiz Trindade;
 IV — Apresentação dos relatórios dos professores — Inquérito sobre os trabalhos realizados;
 V — Encerramento dos trabalhos e finalidades visadas na Semana Educativa;
 VI — Plantio do Pau Brasil, oferecido pelas crianças de Pernambuco às carinenses, no jardim do Grupo Escolar e na Praça Carlos Gomes.

Na Radio Cultura Blumenau

(às 20 horas)

Foi ainda realizada uma Hora de Arte com variados números litero-musicais, canto e alocações dos professores Luiz Trindade, Barreiros Filho e João dos Santos Areão.

Julgamos muito uteis essas reuniões. Sobre resolver dezenas de pequenos casos peculiares a cada zona ou localidade, estabelece-se um contacto mais íntimo entre o professorado, advindo daí novos ensinamentos que a experiência nos indica e há o estímulo para o desenvolvimento de atividades e instituições escolares.

Cada coisa a seu tempo

Deve-se procurar, a todo custo, diminuir a ingestão de líquidos durante as refeições, para não dificultar a digestão. A água e os refrescos de frutas devem ser bebidos nos intervalos das refeições.

Alimentos de primeira

Além dos minerais que contêm, os cereais fornecem grande quota de energia de que necessitamos: ricos de amido, dão-nos, ainda, quantidades apreciáveis de proteína e de gordura.

Os nossos municípios

CRUZEIRO

Virgílio Gualberto

Resumo histórico — Quando o Estado de Santa Catarina entrou na posse definitiva da região pela qual havia questionado, por muitos anos, com seus vizinhos paranaenses, em virtude do acôrdo celebrado a 20 de outubro de 1916 e homologado pela lei federal n. 3.504, de 3 de agosto de 1917, dividiu-a, pela lei n. 1.147, de 25-8-1917, em quatro municípios e comarcas: Mafra, Porto União, Cruzeiro e Chapecó.

Ao município de Cruzeiro, cuja colonização começara em 1913 com a fundação dos núcleos da Companhia «Brazil Railway», coube uma rica região com cerca de 7.360 quilômetros quadrados que se estendia por toda a margem do rio do Peixe até o rio Iran, e das margens do rio Uruguai até às fronteiras do Paraná.

No ano de 1934, o Governo Provisório do Estado, atendendo ao seu desenvolvimento econômico e à questões administrativas, criou os municípios de Concórdia e Caçador, ficando, assim, o município com sua área bem menor.

Limites — Com o município de CAÇADOR, pelo arroio do Lucas, desde sua fôz no rio do Peixe até sua mais alta nascente; daí em linha sêca rumo oeste até o rio São Bento, pelo qual sobe até a barra do São Benfêno e por êste acima até o marco de imbuia gravado no travessão da Fazenda «Raimundo Mendes», pelo qual segue até alcançar o rio Santo Antônio e por êste rio acima até sua principal cabeceira, e daí, em linha rêta até às cabeceiras do rio Jangada. Com o ESTADO DO PARANÁ, pela linha divisória denominada «Wenceslau Braz», seguindo o divisor das águas dos rios Iguassú e Uruguai, desde a nascente principal do rio Jangada, no morro do Capão Doce, até às mais altas cabeceiras do Lageado Queguai. Com o município de CHAPECÓ, a oeste, desde as mais altas cabeceiras do Lageado Queguai até sua fôz no rio Chapecó, pelo qual sobe cerca de 2 kms. até encontrar a barra de um arroio sem nome; por êste arroio até suas nascentes e daí em linha sêca rumo S. O. até a vertente de um outro arroio, também sem nome, que vai desaguar no rio Chapecósinho; desce êste rio até a fôz de um terceiro arroio, igualmente sem denominação, pelo qual sobe, e, de sua nascente, em linha sêca rumo S. E. até a barra do lageado Ponte Serrada, no Lageado da Baía; desce êste Lageado da Baía até sua confluência no rio Irani. Com o município de CAMPOS NOVOS, a leste, descendo o rio do Peixe desde a fôz do arroio do Lucas até à do ribeirão Pinheiro. Ao sul, o município de CONCÓRDIA, pelo ribeirão Pinheiro acima até o travessão que divide o primeiro reservado «Pinheiro» e bloco «Mambuca», da colônia «Capinzal»; por êste travessão, que corre em rumo N. O. até à linha da propriedade «Rancho Grande»; pela linha divisória dessa propriedade com o quarto bloco denominado «Lageado Leãosinho», até encontrar a divisa das propriedades «Lageado Bonito» e «Rancho Grande», pela qual sêgue até o rio Jacutinga, seguindo, então, a divisa da Fazenda «Concórdia» numa linha sêca em rumo norte e com a distância de 875 metros; dêsse ponto continua em rumo oeste até, mais ou menos, quinze quilômetros, e daí, em rumo norte, até o rio Irani, pelo qual desce até encontrar a fôz do Lageado da Baía.

Superfície — 4.197 quilômetros quadrados.

População — Cerca de 25.000 habitantes, de nacionalidades brasileira, italiana, alemã e polaca, e seus descendentes. A população de origem italiana está, principalmente, concentrada no distrito de Ouro.

Divisão administrativa e judiciária — O município e a comarca de Cruzeiro compreende 6 distritos: Cruzeiro do Sul (sede), Herciliópolis, Catanduvas, Irani, Ouro (antigo Abelardo Luz) e Itapuí.

Clima e salubridade — Nas margens do rio do Peixe, onde, freqüentemente, constata-se casos de tifo, o clima é quente. Para o interior, porém, a temperatura vai se tornando mais branda e nos campos do norte (distrito de Herciliópolis) pôde dizer-se que é frio. A malária, tão freqüente no litoral, é desconhecida.

Hidrografia — As águas fluviais que banham o município de Cruzeiro correm, em geral, em três direções: para leste, as que vão lançar-se no rio do Peixe, entre as quais destacamos os rios São Bento, no limite com Caçador, e Espreito, com seu afluente Bom Refiro; rio Limeira e ribeirão do Tigre, este banhando a vila de Cruzeiro do Sul; para o sul, as que, transpondo o município de Concórdia, vão afluir ao Uruguai: rios Jaculunga e Irani; e para oeste, as que, penetrando pelo território do município de Chapecó, também vão desaguar no rio Uruguai: são os rios Chapecó e Chapecósinho, este com seu principal afluente, rio do Mato. Lagos não existem.

Orografia — Entre os rios do Mato, principal formador do Chapecósinho, e Irani, levanta-se o grande divisor das águas, conhecido pelo nome de Serra do Tigre, que, vindo de Xaxim, no município de Chapecó (Serra do Gregório), vai terminar com a denominação de Serra do Taquaral Verde, no município de Porto União. Este divisor das águas, que corta o município em, mais ou menos, duas partes iguais, que determina a distribuição das águas nas três vertentes já citadas. A parte que fica ao norte desta serra é a mais alta do município e culmina, quasi no limite com o Estado do Paraná, com o morro São Joaquim (1.377 m.). Na parte sul, constituída de terras onduladas, o pico mais elevado é o morro do Facão, com 1.130 m. O rio Jangada nasce no morro do Capão Doce, que tem 1.340 metros de altitude.

Vilas e povoações — A sede do município de Cruzeiro é a vila de Cruzeiro do Sul, situada na margem direita do rio do Peixe, em frente à estação de Herval, da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Está a 550 metros sobre o nível do mar e é cortada pelo ribeirão do Tigre; possui perto de 200 prédios, todos de madeira de lei, muito bem construídos e bastante sólidos, cobertos com telha. As povoações são as seguintes: Duas Casas, Três Casas, Catanduvas (antiga Cruzeiro), Jaculunga, Coração, Ponte Serrada, Pingador, Irani, Ouro, Cadori, São Roque, Água Doce, Santa Cruz, Papuan e Herciliópolis. A atual vila de Cruzeiro do Sul denominava-se «Limeira», porque o Barão de Limeira possuía terras nessa região.

Produção, Indústria e Comércio — O município de Cruzeiro é um dos principais municípios agrícolas do Estado. Suas principais culturas com a respectiva produção durante o ano de 1935, são as seguintes: alfafa (17.940 ton.), milho (8.105 ton.), feijão (914 ton.), trigo (637 ton.), batatas (457 ton.), cevada (136 ton.), cebôlas (37 ton.), centeio (34 ton.), mandioca (27,5 ton.) e arroz (17 ton.) Cruzeiro é o primeiro produtor, no Estado, de alfafa e de trigo. Daquele produto a exportação estadual (sem levar em conta as destinadas às estações de monta do exército) em 1920 foi de 11,5 toneladas, enquanto que em 1934 ela atingia a 7.900 ton., para passar a mais de 10.000 no último ano.

Produtor como é, de cereais, o município de Cruzeiro está dotado de inúmeros moinhos. Entretanto, pela facilidade de transporte, grande número deles está localizado nas estações férreas da estrada São Paulo-Rio Grande, figurando, assim, nas estatísticas do município de Campos Novos.

Mas, não são só os cereais citados que ocupam a atenção dos colonos: a plantação de vinhas também tem tido grande incremento e o vinho obtido é de ótima qualidade, sendo o distrito de Ouro, onde predomina a população italiana, o principal produtor.

Notável é, ainda, a criação de gado suíno e conseqüente indústria da banha. Na zona norte, distrito de Herciliópolis, onde há muitos campos, a criação de gado vacum já está se desenvolvendo.

Atividades escolares



Grupo Escolar "José Boiteux", de João Pessoa São José



Instituto de Educação de Florianópolis

Suas matas, abundantes em madeira de lei (imbuia, cedro, angico, etc.) e ervamate, fez progredir a indústria extrativa.

Toda a exportação do município é feita pelas estações de Rio Bonito, Herval, Barra Fria e Capinzal, na estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, e seus mercados consumidores são o Paraná, o Rio Grande do Sul e, principalmente, o Estado de São Paulo.

Vias de comunicação — A estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, que tem seu leito assentado sobre o município de Campos Novos, é o escoadouro dos produtos do município de Cruzeiro. Da vila de Cruzeiro do Sul parte uma estrada de rodagem estadual (continuação da estrada «Florianópolis-Lages-Campos Novos-Cruzeiro») que vai até o município de Chapecó, na fronteira da República Argentina, passando por Duas Casas, Três Casas, Catanduvás, Coração e Ponte Serrada. Outras estradas importantes são: Cruzeiro do Sul-Agua Doce e Cruzeiro do Sul-Barra Fria, e a de Ouro até Bela Vista (município de Concórdia), margeando o rio do Peixe.

Instrução e vida social — A instrução do município de Cruzeiro é ministrada em 67 escolas, sendo 12 mantidas pelo Estado, 28 pelo município e 17 por particulares, tendo a matrícula atingido, em 1934, a 2.674 alunos. Na vila está em construção um grupo escolar denominado «Roberto Trompowsky». Possui, na vila, um hospital sob a direção do dr. Augusto Cantergiani e uma farmácia. Diversos e bons hotéis. Um clube recreativo, o «10 de Maio», e um jornal: «Cruzeiro». A religião predominante é a católica.

Situação financeira — Antes de seu desdobramento o município ocupava o 5º lugar entre os que possuíam arrecadação mais elevada. Em 1933 ela montou em 416:617\$700. Para o exercício de 1935 foi orçada em 252:100\$000. Não tem dívida passiva nem consolidada.

Cooperativa Catarinense

Completo sortimento de artigos escolares

Grande redução aos estabelecimentos de ensino e aos srs. professores

Atendemos pedidos de qualquer parte do Estado

Rua João Pinto, 8 -- Florianópolis

A REVISTA DE EDUCAÇÃO

AGENOR NUNES PIRES

*Eu sou a Imprensa, a grande, a poderosa, a ingente
Alavanca, que o mundo impéle e nobilita,
inteira a humanidade os olhos em mim fita
e me acompanha a marcha altiva e resplendente.*

*Desprézo a tirania, e prósto-me fervente
à Razão divinal que a Liberdade excita,
e tenho a minha história em letras d'ouro escrita
na história das Nações num cântico fremente!*

*Despérto o patriotismo, e forte, e grande e avante,
intemerata, eu sigo, as trévas esmagando
com a luz perenal do meu poder gigante!*

*e, sempre vencedora a terra vassalando,
eu vou, de glória em glória, altiva e cintilante,
da justiça a bandeira aos mundos desfraldando!*



138

Atividades escolares

ESTADO DE
S. CATARINA
BIBLIOTHECA
PÚBLICA
Florianópolis



Grupo Escolar "Abdon Batista", de Jaraguá



Grupo Escolar "Polidoro Santiago", em Timbó

Pontos de vista

ADÃO MIRANDA

(Especial para a "Revista de Educação")

Esboçando, nestas colunas que me fôram franqueadas pelo talentoso prof. Antônio Lúcio, diretor desta REVISTA, as pequenas crônicas que se seguem, apenas tenho a intenção de continuar a colaboração que vinha emprestando à causa da instrução popular, em nosso Estado.

Enganam-se os que pensarem que, afastando-me do magistério, vindo a trabalhar em outro campo de atividade humana, não continuo a colaborar no desenvolvimento, cada vez mais, da instrução pública primária. Embora afastado, por questões que de mim não partiram, continuo vivendo, todos os dias, *espiritualmente*, no seio dessa benemérita classe que é a dos educadores. Voltei à vida jornalística, porque, tanto esta como aquela, têm missões que se irmanam, por que objetivam o bem comum, a grandeza da Pátria. O jornalista defende os princípios da sã doutrina, ensinando ao povo a amar o que é sublime, o que é de dever amar: as tradições de raça e, conseqüentemente, à Pátria, através o trabalho, o labôr constante! O professor, no cumprimento à sua nobre missão, amolda caractéres, arranca das trevas do analfabetismo, da ignorância, os seus semelhantes, tendo sempre, no pensamento e no coração, a grandeza da Pátria! Eu considero, a ambos, indispensáveis cooperadores na construção da grandeza de um país. Ambos têm a mesma parcela de responsabilidade na formação de uma raça e no fortalecimento de um regime.

PONTOS DE VISTA.—série de crônicas que início neste número da REVISTA DE EDUCAÇÃO, tende a trazer à baila assuntos que interessam à classe de educadores, discutidos com simplicidade e singeleza, mas pesados conscienciosamente.

No número 1 desta REVISTA, lêmos:

«À todos quantos se interessam pelas coisas do ensino ficam abertas as páginas desta REVISTA».

Nestas palavras está um convite amigo para os professores e para os que querem cooperar na causa da instrução. Eu não sei explicar a razão por que não apareceram, ainda, nestas colunas, colaborações de educadores. Estranho, mesmo, este fato desagradável. O magistério catarinense é formado de moços e moças que possuem talento. Será tarefa difícil discutir assuntos escolares, quando se vive, diariamente, neste ambiente, tendo sempre e sempre à frente quadros da vida estudantil? Será difícil trazer ao público impressões de aula? Será difícil escrever uma reportagem sobre excursões ou festas escolares?

Não! Escrever sem a preocupação do estilo e das palavras que dão beleza à frase é fácil, mormente para quem convive com os livros. Não é necessária a elegância de que usam os literatos.

Com os professores de Santa Catarina acontece o que se há dado com os que principiam a vida de imprensa: são pessimistas! É um dos grandes males para quem ensina. Não posso conceber que o professor, que venceu anos e anos formando a sua cultura, seja vítima de pessimismo. Como compreender o pessimismo numa classe de esforçados!

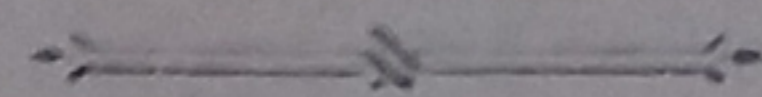
REVISTA DE EDUCAÇÃO é o órgão do professorado barriga-verde. As suas colunas estão abertas para a exposição de idéias. Ela nasceu para ser o porta-vóz dessa classe de intelectuais. Por que não publicar impressões obtidas no constante labor de ensinar? Por que não apresentar novos métodos de ensino fugindo a esse terra-a-terra tão tradicional no seio da nossa classe de educadores? Deixem os professores o pessimismo que os escraviza dia a dia, e saiam a campo, expondo as suas idéias pedagógicas. E, assim, terão oportunidade de melhor solidificarem a sua cultura, porque escrevendo aprendem, e, aprendem escrevendo!

As colunas da REVISTA esperam a colaboração dos que têm uma idéia a expôr. Ela nasceu para defender os seus interesses e foi para eles que ela veio à luz. Não é justo que néguem os professores a sua colaboração intelectual e material, ao seu órgão de classe—porta-vóz das suas aspirações!

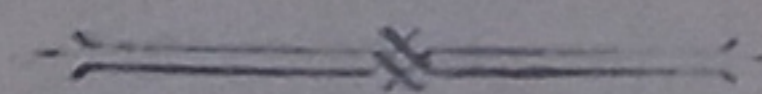


Regulador natural

As frutas e as verduras têm grande importância na regulação das funções digestivas, pelas vitaminas que contêm e pelo residuo de celulose que deixam e que serve para corrigir a prisão de ventre.



Para educar a infância, é mister compreendê-la e amá-la. Mas para lhe querer muito, cumpre saber o que há nela de verdadeiramente belo e verdadeiramente amável. — P. JANET.



Não se concêbe a profissão de educador sem êste auxílio poderoso: o amor — LAFOUD.

SEMANA RURALISTA DE SANTA CATARINA

(CONCLUSÃO)

NG GRUPO ESCOLAR «HERCÍLIO LUZ»

Para professores

a) Aulas de inquérito, a fim de verificar a apreensão por parte dos professores os assuntos ventilados—pelos drs. Raul de Paula, Afonso Veiga, professores Luiz Sanches Bezerra da Trindade, Francisco Barreiros Filho, João dos Santos Areão e Elpidio Barbosa.

b) Visita ao Sindicato da Banha.

SEGUNDA PARTE

a) Plantação de um Páu Brasil no terreno do Clube Agrícola Escolar.

b) Plantação de um Páu Brasil no jardim da cidade de Tubarão.

TERCEIRA PARTE

NO EDIFÍCIO DOM JOAQUIM

Resumo dos trabalhos e saudações de despedidas ao povo de Tubarão, pelos drs. Raul de Paula, Afonso Veiga e professores Luiz Sanches Bezerra da Trindade, João dos Santos Areão e Francisco Barreiros Filho.

6.º dia

Em trem especial, posto à disposição pela diretoria da Estrada de Ferro D. Tereza Cristina, a caravana torreana, acompanhada de todos os professores e autoridades que compareceram à Semana Ruralista, visitou as instalações para beneficiamento do carvão em Lauro Müller e as minas de Barro Branco, sendo ministradas aulas sobre o carvão nacional, pelo dr. Marcio Portela.

De Lauro Müller a caravana seguiu para Laguna e dali para Imituba.

Em Imituba, com a presença das autoridades e alunos do Grupo Escolar «Henrique Lage», foi plantado um Páu Brasil, e logo após a caravana se dirigiu a Mirim, onde a esperava a população daquela localidade, tendo à sua frente a figura do abnegado sacerdote dr. Cezar Rossi, chegando a esta capital às 2.30 horas da madrugada.

7.º dia

Visita ao Grupo Escolar «Dias Velho», tendo o dr. Raul de Paula ministrado aulas.

A tarde, conferência na Faculdade de Direito, patrocinada pelo Centro Acadêmico «XI de Fevereiro» — Aspectos da imigração japonesa, pelo dr. Raul de Paula.

Nesta ocasião, foi empossada, pelo exmo. sr. dr. Governador do Estado, a diretoria do Núcleo Estadual da Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres», que ficou assim composta:

Presidente: Major Olívio Januário de Amorim

Vice-presidente: Luiz Oscar de Carvalho

Secretário: Professor Elpidio Barbosa

Tesoureiro: Professor Antônio Lúcio

Diretor da Secção Pedagógica: Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade

Diretor da Secção de Cultura: Professor Francisco Barreiros Filho

Diretor da Secção Técnica e Assistência aos municípios: Dr. Afonso Veiga

Delegado Geral dos Clubes Agrícolas Escolares: Professor João dos Santos Areão

Diretor da Secção de Publicidade: Gustavo Neves.

8.º dia

Visitas a Blumenau, ao Clube Agrícola de Garcia e ao Clube Agrícola Escolar de Massaranduba (inauguração do prédio construído pela Comunidade).

Na Rádio Cultura de Blumenau:

a) Saudação aos pioneiros da nossa educação rural—professores Rodolfo Hollenweger e Ricardo Hoffmann—pelo professor João dos Santos Areão.

b) Dr. Raul de Paula—Nacionalização.

c) Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade—que encerrou a Semana Ruralista.

* * *

Os trabalhos da Semana Ruralista decorreram com brilhantismo e entusiasmo indescrivíveis.

A semente torreana, lançada, em boa hora, na terra barrigaverde, germinará e, não há dúvidas, frutificará, para o engrandecimento da nossa mui amada Pátria.

Clubes Agrícolas—em um atestado admirável da nossa gente pela construção de um Brasil melhor e verdadeiramente brasileiro—vão surgindo por todo o Estado.

Santa Catarina, não há arrôjo na afirmação, integrou-se, definitivamente, na obra torreana.

Eis o resultado de uma campanha, cujos louros pertencem aos dirigentes da Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres», destacando-se, deles, por justiça, a figura desse batalhador incansável e emérito patriota, que é Raul de Paula, honra e orgulho do Brasil de hoje, e veneração do Brasil de amanhã.

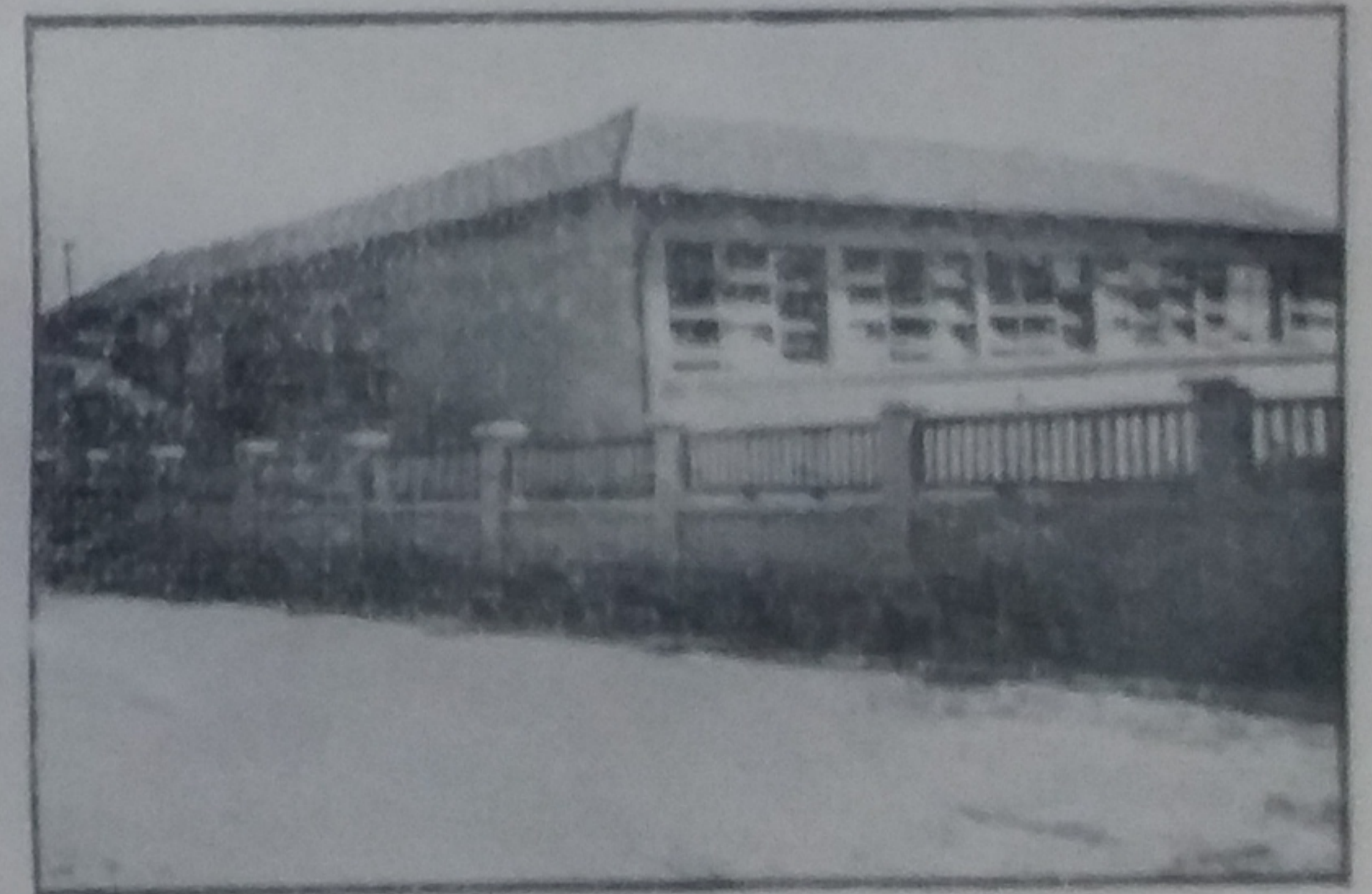
Matrícula de professores

- 1—José Boabaid, diretor do Grupo Escolar «Wencesláu Bueno», de Palhoça;
- 2—Théo Boeing, diretor do Grupo Escolar «Francisco Tolentino», de São José;
- 3—Olga Tzelikis, professora do Grupo Escolar «Hercílio Luz», de Tubarão;
- 4—Walkyria Búrigo, idem;
- 5—Maria Conceição Guimarães Colaço, idem;
- 6—Edite Hülse, idem e da Escola Normal Primária;
- 7—Ligia Chaves Cabral, professora da Escola Normal Primária de Tubarão;
- 8—Maria de Lourdes Hülse, professora do Grupo Escolar «Hercílio Luz» e Escola Normal Primária de Tubarão;
- 9—Orcí Pires da Silva, idem;
- 10—Valdemar Búrigo, idem;
- 11—Celia Sá, idem;
- 12—Tereza Martins de Brito, diretora do Grupo Escolar «Hercílio Luz», de Tubarão;
- 13—Alice Pauli Silva, professora da Escola São João, Tubarão;
- 14—Luiza de Souza Cardoso, professora da Escola;
- 15—Denodocia Jovelina Prates, professora da Escola de Morro Grande, Jaguaruna;
- 16—Mario Oliveira Goeldner, professor do Grupo Escolar «David do Amaral», Araranguá;
- 17—José Santos Maciel, idem;
- 18—João Rodrigues de Araújo, diretor do Grupo Escolar «José Boiteux», João Pessôa, São José;
- 19—Taciano Barreto do Nascimento, Inspetor Escolar da 4.ª. Circunscrição, Tubarão;
- 20—Maria Isabel de Sousa, professora da Escola de Pinheiros, Tubarão;
- 21—Helena Siebert Mendes, professora da escola municipal de Tubarão;
- 22—Irmã Hildefrieda, do Colégio São José, Tubarão;
- 23—Rosalina Vesler, professora da escola de S. Martinho, Tubarão;

- 24—Maria Leal Formigoni, professora da escola de Serlão do Carurú, Tubarão;
- 25—Rosalina da Silva Porto, professora da escola de 13 de Maio, Tubarão;
- 26—Alice Silva Carvalho, professora da escola de Margem Esquerda, Tubarão;
- 27—Odessa de Oliveira Bastos, professora do Grupo Escolar «Professor Davi do Amaral», de Araranguá;
- 28—Laura Sampaio Canto, professora da escola de Congonhas, de Tubarão;
- 29—Geraldo Passos da Mota, professor do Grupo Escolar «Henrique Lage», Imbituba;
- 30—Alice Beatriz Lentz, professora da escola de Travessão Gravata, Tubarão;
- 31—Manuel Coelho, diretor do Grupo Escolar «Professor Davi do Amaral», Araranguá;
- 32—Luiz Fernando Camacho, aos cuidados do inspetor escolar da 4ª. circunscrição, Tubarão;
- 33—Esmeraldina Martins, professora do Grupo Escolar «Dom Joaquim Domingues», Braço do Norte, Tubarão;
- 34—Osvalda Costa, professora da escola de Pedras Grandes, Tubarão;
- 35—Izallina Cardoso de Oliveira, professora da escola de Palmeira do Meio, Orleans;
- 36—Mario Xavier dos Santos, professor da escola de Passagem, Tubarão;
- 37—Otilia Cardoso da Silva, professora da escola de Salto do Braço do Norte, Tubarão;
- 38—Joaquina do Amaral e Silva, professora da escola de Guarda, Tubarão;
- 39—Cecilia Avila Schmitz, professora da escola da vila de Jaguaruna;
- 40—Iná Avila de Souza, professora da escola de Anita Garibaldi, Tubarão;
- 41—Amenar Schmitz Wendhausen, professora da escola de Sangão, Jaguaruna;
- 42—Tereza Rosick Gonçalves, professora da escola de Mato Alto, Tubarão;
- 43—Carolina Pereira de Souza, professora da escola de Madre, Tubarão;
- 44—Antonia Piva Pola, professora da escola de Nova Palermo, Urussanga;
- 45—Rosalina de Oliveira Nunes, professora da escola de Boa Vista, Tubarão;



Grupo Escolar "Raulino Horn", em Indaial



Grupo Escolar "Prof. José Arantes", de Camboriú

- 46—Bernardina A. Martins, professora* do Grupo Escolar «Dom Joaquim Domingues», de Braço do Norte, Tubarão;
- 47—America B. Corrêa, professora do Grupo Escolar «Dom Joaquim Domingues», de Braço do Norte, Tubarão;
- 48—Jacira Menezes, professora da escola de Lauro Müller, Orleans;
- 49—Aurora Bianchini, professora do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 50—Iná de Souza, professora do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 51—Judite Peressoni, professora do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 52—Jamili Trindade Sadeli, professora do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 53—Eugenia Oliveira, professora do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 54—Carmen Freitas Castro, professora do Grupo Escolar «Ana Gondin», de Laguna;
- 55—Laura Freitas Martins, professora da Escola Normal Primária de Laguna;
- 56—Robelia Sá, professora do Grupo Escolar «Hercílio Luz», de Tubarão;
- 57—Rubens Ulissêa, diretor do Grupo Escolar «Ana Gondin», de Magalhães, Laguna;
- 58—Laura Barreto, professora da escola de Siqueira, Laguna;
- 59—Pedro Scharf, diretor do Grupo Escolar «Padre Schuller», de Cocal, Tubarão;
- 60—Eulina Barreto, professora da escola de Fazenda do Rio das Garças, Imaruí;
- 61—Jerônimo Barreto, professor da escola de Imaruí;
- 62—Iná Zandomenego, professora da escola de ex-Linha Patrimônio, Cresciúma;
- 63—Consuelo S. da Rocha, professora da escola de vila de Jaguaruna;
- 64—Branca dos Santos, professora da escola de Boa Vista, Araranguá;
- 65—Idalina Machado, professora da escola de Morro da Fumaça, Urussanga;
- 66—Dorvalina Brocca Pascoali, professora da escola de Amôla Faca, Araranguá;
- 67—Celestina Moreira Machado, professora da escola de Pinheirinho, Araranguá;
- 68—Antônio Rohden, diretor do Grupo Escolar «Dom Joaquim Domingues», de Braço do Norte, Tubarão;

- 69—Paulo Filipi, professor do Grupo Escolar «Padre Schuler», de Cocal, Urussanga;
- 70—
- 71—Casemiro Stadunski, professor da escola de Três Ribeirões, Cresciúma;
- 72—Amelio Zanelatto, professor da escola de Morro da Fumaça, Urussanga;
- 73—Urbano Gastaldão, professor da escola de Rio Carvão, Urussanga;
- 74—Humberto Hermes Hoffmann, inspetor escolar da 11ª. circunscrição, Cresciúma;
- 75—Abelardo Batista da Silva, professor do Grupo Escolar «Prot. Lapagêsse», de Cresciúma;
- 76—Iná de Souza, professora do Grupo Escolar «Prof. Lapagêsse», de Cresciúma;
- 77—Eulina A. de G. Marcelino, diretora do Grupo Escolar «Prof. Tibúrcio de Freitas», de Urussanga;
- 78—Ibrantina Machado Gomes, professora da escola de Rio Bonito, Tubarão;
- 79—Marta T. Mota, professora da escola de Rio Bonito, Tubarão;
- 80—Anita Donadel, professora da escola do rio Caeté, Urussanga;
- 81—Praxedes Nascimento, professor municipal em Tubarão;
- 82—Custodia Cardoso de Oliveira, professora da escola de Rio Maina, Cresciúma;
- 83—Rosa Manente Meller, professora da escola de Santa Augusta, Cresciúma;
- 84—Benvenuta Cechinel Bendo, professora da escola de Rio America, Urussanga;
- 85—Hormecinda Viana dos Reis, professora da escola de Passo do Gado, Tubarão;
- 86—Pedra Gomes, professora da escola de Praia Redonda, Tubarão;
- 87—Amelia Benício, professora municipal em Tubarão;
- 88—Beatriz Martins, professora municipal em Tubarão;
- 89—Leoberlina Fernandes de Souza, professora da escola de Alto Capivarí, Tubarão;
- 90—Joana Marega de Sá, professora da escola de Capivarí, Tubarão;
- 91—Ambrosina Maria Gomes, professora da escola de Carurú, Tubarão;
- 92—Paulo Michels, professor do Grupo Escolar «Comendador Costa Carneiro», de Orleans;
- 93—José Figueiró Siqueira, diretor do Grupo Escolar «Comendador Costa Carneiro», de Orleans;

- 94—Argentina Cardoso de Oliveira, professora da escola de Mirim, Laguna;
- 95—Rita Francisca Valença, professora da escola de Araçatuba, Laguna;
- 96—Edite Machado Nazario, professora municipal em Tubarão;
- 97—Ricardo Hoffmann, professor da escola de Massaranduba, Blumenau;
- 98—Avandrilha Cifuentes, professora da escola de Santa Clara, Orleans;
- 99—Maria Fernandes de Moraes, professora da escola de Capela de Santo Antônio do Aratingaúba, Imaruí;
- 100—Laudelina Menezes de Mendonça, professora da escola de Carniça, Laguna;
- 101—Laura Souza, aos cuidados do inspetor escolar da 4ª. circunscrição, Tubarão;
- 102—Robelia Barreto dos Santos, professora da escola de Vila Nova, Laguna;
- 103—Etelvina Souza Pereira, professora da escola de Vila Nova, Imbituba;
- 104—Castorina de Araújo Rosa, professora da escola de Sambaqui, Laguna;
- 105—José Pinto Varela Junior, diretor do Grupo Escolar «Jerônimo Coelho», de Laguna;
- 106—Silvio Berendt, diretor do Grupo Escolar «Prof. Lapagêsse», de Cresciúma;
- 107—Janice Cechinel de Azevedo, professora da escola de Urussanga Baixa, Urussanga;
- 108—Pedro Michels, professor do Grupo Escolar «Dom Joaquim Domingues», de Braço do Norte, Tubarão;
- 109—Inaiá Guedes Cardoso, professora da escola de Pedrinhas, Tubarão;
- 110—Santina Pegoraro, professora da escola de Estação do Cocal, Urussanga.

Relatório apresentado pela professora Eulina A. de G. Marcelino, diretora do Grupo Escolar «Tibúrcio de Freitas», de acôrdo com o determinado no segundo dia

Sob o patrocínio dos exmos. srs. Ministro da Agricultura, Governador do Estado e Prefeito Municipal, realizou-se em Tubarão a Semana Ruralista, cujos trabalhos foram organizados com indescrivível entusiasmo, com determinado programa, nos dias, 24, 25, 26, 27, 28 e 29 de maio do corrente ano.

Chegando a Tubarão na tarde do dia 25, pude apreciar no edificio Dom Joaquim a exposição dos produtos agrícolas daquela

região, que havia sido inaugurada minutos antes. À noite, no mesmo edifício, com uma assistência numerosíssima, o dr. Lourival de Menezes fez uma conferência sobre «Tubarão e seus problemas agrícolas». O professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade, fez o resumo dos trabalhos do dia, cabendo ao dr. Afonso Veiga o resumo da parte agrícola.

Nesta ocasião, compareceu o dr. Vitor Konder, ex-ministro da Viação, que em brilhante oração convidou aos lavradores tubaronenses ao plantio do algodão, prometendo-lhes, como sócio de firmas em Blumenau, a compra de toda a safra e assistência financeira. Exaltou com entusiasmo, o trabalho do nosso cabôclo—o herói inconsciente. Falou na meninice de Alberto Torres, cujo pai foi juiz de direito em Itajaí, dizendo que foi naquele pedaço de Santa Catarina que ele começou a compreender o valor torreano. Terminou pedindo o auxílio da Sociedade dos «Amigos de Alberto Torres». O dr. Raul de Paula, secretário desta Sociedade, profundamente comovido, respondeu prometendo tudo fazer em prol de tão valiosa iniciativa.

DIA 26 — No Grupo Escolar (para professores). Ensino rural, pelo dr. Raul de Paula. Ensino da lingua nas escolas coloniais, pelo professor Barreiros Filho. Aula modelo, pelo professor Luiz Trindade. Em seguida, houve a abertura da Exposição escolar, onde figuraram bons trabalhos, prova cabal da atividade do corpo docente e discente do Grupo «Hercílio Luz» e Normal Primária anêxa.

À tarde, o dr. Raul de Paula falou sobre a finalidade dos clubes agrícolas, e o professor Barreiros Filho sobre linguagem.

Realizou-se, depois, no pátio do Grupo, uma sessão dos sócios do clube agrícola, que leram pequenos trabalhos por eles organizados. Passámos em seguida a assinar um telegrama dirigido ao Presidente da República, pelas sugestões por êle apresentadas ao Congresso Nacional, sobre a questão imigratória no Brasil.

À noite, no edificio Dom Joaquim, foi lido êste telegrama pelo professor Barreiros Filho. Os resumos dos trabalhos do dia foram feitos pelo professor Luiz Trindade. O dr. Raul de Paula falou sobre a imigração japonêsa, sendo fortemente aplaudido.

DIA 27 — No Grupo Escolar (para professores). Legislação escolar, pelos professores Luiz Trindade e Elpidio Barbosa que, em explicações bem nítidas, falaram sobre diversos assuntos: Pedidos de licença—atestados médicos—sêlos,—meios de encaminhar requerimentos—direitos de justificação—algumas eventualidades, tomando como exemplos casos acontecidos,—tudo isso para regularizar o serviço, evitando prejuizo ao interessado e trabalho demasiado ao Departamento. Terminada esta parte, o professor Hermes Hoffmann fez demonstrações de Aritmética e Geometria, que agradaram bas-

lante. O dr. Raul de Paula falou sobre aração e hortas e o professor João dos Santos Areão sobre clubes agrícolas escolares. Foi feita, em seguida, uma visita ao Colégio São José, onde tivemos oportunidade de apreciar os ricos trabalhos da exposição.

À noite, no edificio Dom Joaquim, ouvimos o dr. Albuquerque, que dissertou sobre a «raiva nas zonas coloniais»; o professor Barreiros Filho falou sobre o «nacionalismo nas zonas coloniais», e o dr. Raul de Paula fez uma exposição sobre a situação dos judeus no Brasil.

DIA 28 — No Grupo Escolar (para professores). Inquéritos sobre os trabalhos expostos. Leitura de relatórios. Às 11 horas, os membros da caravana e os professores seguiram para o Sindicato da Banha, onde lhes seria oferecido um churrasco.

Dirigi-me para o hotel, onde me preparei para voltar a Urusanga.

ESCOLA AGRÍCOLA — ENSINO — NACIONALIZAÇÃO

Resumirei, neste capítulo, o que interpretei das sábias lições do dr. Raul de Paula, professores Luiz Trindade, Barreiros Filho e Santos Areão.

O trabalho agrícola nas escolas é de grande necessidade, pois não só instrui como distrai a criança, levando-a a diferentes fases de trabalho: o estudo da natureza, do sólo, das plantas, dos animais, etc.

Hoje, o trabalho nos jardins e hortas; amanhã, o plantio de árvores novas no pomar.

Êste aluno acompanha o crescimento de uma trepadeira; aquele, o desabrochar de uma flôr, o amadurecer de um fruto.

Um, que organiza um trabalho cuidadoso e paciente para o Museu; outro, que revê o último número do jornal da escola. Vem ainda a Bibliotêca, as palêstras entre os sócios do Clube, tendo por assuntos: o milho, o algodão, a batata, os adubos fertilizantes, culturas de campo, seleção de sementes, pragas, etc. Depois os trabalhos escritos sobre os mesmos assuntos, acompanhados dos respectivos desenhos; e, finalmente, a Exposição escolar, orgulho do mestre e dos alunos.

As lições de agricultura têm um fim prático e encontra nas escolas um campo vastissimo para a sua aprendizagem: quer trabalhando no próprio sólo, quer nas salas de aula.

A leitura poderá ser feita em livros, folhetos, almanaques e revistas agrícolas. Todos os pontos de interesse são depois discutidos e criticados; eis a Linguagem oral.

Para a Linguagem escrita temos os pontos das palavras e das leituras.

Geografia—Posição do terreno, da horta relativa ao pomar, acidentes, sólo, etc.

Geometria e Aritmética—Fôrma, área, medidas e linhas do canteiro.

Problemas diversos—Sistêma métrico.

Desenho—Tudo pôde ser desenhado: desde a pequenina formiga até à própria escola onde a criança trabalha.

A criança não deve aprender sô nos livros. As ferramentas da lavoura são indispensáveis.

Ao lado da instrução deve haver hábitos de trabalho, amôr ao sólo. Devemos dar ao aluno o fino do trabalho, preparando-o para que seja o «brasileiro que competirá com o estrangeiro».

A criança deverá compreender que a indústria agricola é a principal fonte de riqueza do Brasil. Que é preciso explorar os campos, adubar a terra, crear o gado, as aves, etc.

É muito errado querer o professor enfiar na cabeça do aluno tudo que contém os livros, dando pontos a decorar ou fazendo dissertações sôbre um ponto, em vez de dar-lhes noções capazes de serem mais tarde o ponto de partida de estudos completos.

O professor deve dar à instrução nacional outro caráter. Deve desenvolver pelo trabalho o gôsto da criança, a sua bôa-vontade. É assim, educação física, mental, moral, econômica, incluindo ainda a familiar, completarão a instrução do verdadeiro brasileiro.

O ensino é ministrado de fôrma que o professor e aluno não se fiquem. Aproveitando a todos os momentos idéias e perguntas, o professor, em desprezenciôsa palêstra, debaixo de uma disciplina suave, irá distribuindo as noções das matérias a ensinar, procurando conservar o espirito dos alunos em estado de alegria moderada, cheio de respeitoso amôr e ávido de saber.

O ensino deve ser concretizado o quanto possível.

O professor é orientador. Tudo partirá do aluno: até a própria definição. É assim êle ensinará as matérias do Programa. Aproveitará uma oportunidade que lhe dará a criança para fazer a passagem de uma matéria para outra, continuando na sala de aula a mesma alegria e a mesma disposição para o trabalho.

Passo à nacionalização do ensino que em nossos dias se impõe imperiosamente.

É a lingua que no Brasil mantêm o espirito de nacionalidade e é por meio dela que devemos chamar para a vida brasileira os filhos de imigrantes no nosso território. Temos no nosso Estado colonias alemãs e italianas, onde a atividade do professor deve ser maior. Compêete, pois, a êle, inculir com bôas maneiras no espirito do aluno, o amor à Pátria: fazer-lhe compreender as belezas da nossa terra e da nossa lingua e por meio dela a criança aprenderá a conhecer o caráter nacional, os nossos costumes e a nossa história.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Inspetoria de higiêne escolar

SERVIÇO DENTÁRIO

Gabinete dentário do Grupo Escolar "Lauro Müller"

Este dispensário vem funcionando apenas com dois dentistas. O aparelhamento é ainda insufficiente para atender à população escolar, que orça em 800 crianças, das quais cerca de 80% carecem de recursos para custear os trabalhos dentários de que necessitam.

O trabalho durante o mês decorreu satisfatoriamente, apesar de certas dificuldades que surgem aos serviços novos, em periodo de organização.

Era nosso intuito aplicar certos processos especializados à profilaxia dentária escolar, mas, no momento, ainda não foi possível. Fizemos uma completa inspeção-buco-dentário, para podermos apreciar o estado sanitário da bôca e anexos, infelizmente atingiu a uma media de 99% de cáries e 80% regular do estado geral da bôca. Este serviço é feito por meio de fichas individuais que resumem as condições encontradas e servem para encaminhar os tratamentos, assim como para esclarecer a necessidade e os resultados da higiêne e profilaxia dentária. Foram dadas aulas práticas e teóricas sôbre higiêne bucal, aos alunos do Grupo «Lauro Müller» e à Escola Normal Primária.

Enumeremos os serviços prestados no Dispensário:

Matriculados	308
Número de consultas	577
Extrações dentes temporários	228
" " permanentes	112
" com anestesia	277
" sem "	63
Curalivos	88
Oblurações a gula-percha	0
Remoção de tartaro	8
Abertura de abcesso	1
Oblurações a amalgama	45
" a porcelana	15
Tiveram alta do serviço dentário	21
Inspeção escolar	4
Inspeção dentária	41

As crianças são atendidas pelos cirurgiões-dentistas prof. Ari Machado e dr. Sippel, sendo assistente do gabinete a professora Vicencia Borges Ouriques.

METODOLOGIA DA LEITURA E DA ESCRITA

(Continuação do número anterior)

O melhor dicionário que hoje possuímos para escrevermos palavras, cientificamente casando a etimologia com a fonética, é o de Cândido de Figueiredo.

Por causa das dificuldades que apresenta o método alfabético, muitos mestres tentaram abandoná-lo; mas não tinham com que o substituir, pois não havia outro igual nem melhor.

Pensou-se então em novos processos que atenuassem os inconvenientes do método alfabético.

Para isso fizeram vários ensaios e planejaram várias reformas.

Entre essas reformas merece serem referidas de modo especial as de Comenio, Basedow e Pestalozzi.

Comenio foi o primeiro em procurar um processo ilustrativo para aplicação de método alfabético. Escreveu um livro engenhoso intitulado *Orbis-pictus*, que significa *o mundo em figuras*.

Essa obra representa, ao lado de diversos animais, os sons onomatopaicos de sua voz. Exemplo: ao lado de um pinto, o silado *pi* do vocábulo *piar* donde derivava a letra *p*.

Assim se procedia igualmente com todas as letras do alfabeto. 1º, a figura do animal; 2º, o sinal do seu nome, isto é, a palavra; 3º, o sinal de sua voz, isto é, o som onomatopaico; 4º, o sinal ou símbolo do som, isto é, a letra.

Consistia o seu processo em jogos e brinquedos com letras feitas de massa de vários e diferentes tamanhos.

Segundo a indicação doméstica os aprendizes tinham que ir buscar cada letra entre centenas que estavam juntas, feitas de massa.

O aprendiz que a encontrava e soubesse escrevê-la e lê-la corretamente, tinha o direito de comê-la.

Brinquedos iguais feitos de massa de farinha de trigo muito bem feitos e saborosos, eram feitos para a formação das sílabas e para a formação das palavras.

Pestalozzi modificou esse processo, em vez de letras de massa, inventou letras de cartão. Pintava com a cor vermelha as vogais e com a cor negra as consoantes. Assim pintadas, os alunos aprendiam de memória a forma e o nome de todas as letras.

Depois as reuniam e combinavam de muitas maneiras diferentes para formarem sílabas e palavras, as quais eram por eles lidas antes de usar o livro.

É indubitável que essas inovações e reformas melhoraram muito o método alfabético, mas o seu defeito principal, que é o da soletração ou deletreamento continua a subsistir e ainda subsiste.

PONTO VII

MÉTODO FÔNICO

O método fônico consiste em ensinar a leitura sem ligar importância ao nome das letras, prestando-se atenção somente ao seu valor fônico.

Diferença do método alfabético pelos seguintes caracteres fundamentais:

1º—Não dar nomes convencionais às letras; cada uma delas se pronuncia reproduzindo o som que representa.

2º—as consoantes conservam o seu valor fonético; não necessitam de uma vogal ou mais de uma para serem proferidas.

3º—não admite a soletração nos seus processos.

4º—na silabação das palavras, cada som se estuda com um só elemento, ainda quando este som é representado por várias letras.

O método fônico data do século XVI. Foi seu fundador o insigne pedagogo Valentin Icksamer, que foi quem o aplicou pela primeira vez na sua escola de Arfurt, na Alemanha, e 5 anos depois o aplicou também em Hamburgo.

Não obstante o entusiasmo que no princípio despertou no mundo escolar o método fônico, todavia não prosperou quasi nada no século XVII. Em 1802 o conselho escolar de Baviera, a instâncias do pedagogo Henrique Stéfani, adotou o método fônico para experiências.

Henrique Stéfani publicou um livro de leitura inicial, ensinando como se deve pronunciar as consoantes desacompanhadas de vogais. São interessantíssimas as práticas, assim como os exercícios que ele propõe.

Esses exercícios constam de séries de palavras terminadas em cada uma das consoantes do alfabeto. O aprendiz deve pronunciar em primeiro lugar a palavra inteira, depois deve separar o último som e pronunciá-lo destacadamente.

Exemplo:

Auto-r, loca-l, perdi-z, etc.

Para estes efeitos preparou Henrique Stéfani outra série de exercícios não menos engenhosos. Consistem esses exercícios em ler sílabas diretas e inversas, formadas de sons simples.

O processo é o seguinte: o professor tapa com a mão ou com um cartãozinho a segunda letra da sílaba e faz o aprendiz pronunciar a primeira delas; depois tapa a 1ª, e faz pronunciar as duas com uma só emissão de voz.

Exemplo: n—(a)—na; a—(n)—an, etc.

Iguais exercícios de silabação são feitos com as demais consoantes e vogais até que os alunos aprendam todas as sílabas por sua forma e pronuncie perfeitamente qualquer som.

Logo em seguida se procede à formação e à leitura de palavras ligando os sons ou sílabas sem soletrar.

As importantes reformas feitas por Henrique Stéfani no método fônico despertaram o interesse dos seus contemporâneos. Alguns como Dimter, Nacke, Kern e Diesterweg, com entusiasmo propagaram aquele método. Outras como Grasser, Schulze e a maior parte dos Conselhos Escolares o criticaram e combateram com tal intransigência que o método fônico não merecia.

A polêmica prosseguiu durante um quarto de século até que o novo método se impôs, levando de vencida o método alfabético, à falta de outro melhor.

Se é certo que a questão da metodologia da leitura não ficou definitivamente resolvida com o método fônico, como sustentava Henrique Stéfani, também é certo que se deu um passo de gigante, com esse método, para dirimir muitas dificuldades que não puderam ser vencidas com o método alfabético.

Se compararmos os dois métodos sintéticos, um com o outro, veremos que o método fônico têm as seguintes vantagens sobre o método alfabético:

1º—É mais racional, porque ensina o aluno a distinguir o som, o sinal ou símbolo do som e o nome do símbolo ou sinal. Este último sugere o primeiro e reproduz-lo na leitura.

2º—É mais simples, porque os sinais compostos na escrita são tratados como elementos simples na leitura.

3º—Não havendo nenhuma diferença entre os nomes dos sinais e os sons que representam, é de mister a soletração, que tantos inconvenientes traz ao método alfabético.

Do exposto se infere que o método fônico é mais vantajoso; mas isso não quer dizer que o método fônico obvie a todas as dificuldades da leitura inicial, apenas a melhora, porém não elimina todos os inconvenientes do método alfabético.

Submetendo o método fônico a uma crítica justa, racional, vemos que é suscetível das seguintes objeções:

1ª—É sintético; parte dos elementos simples para os elementos complexos, isto é, vai das partes para o todo, o que contraria o 9º princípio didático e a 1ª cláusula do 8º princípio.

2ª—É anti-racional, pois segue a ordem das operações mentais; antepõe a síntese à análise; reúne os elementos constitutivos da palavra antes de se haver efetuado a sua decomposição em partes.

3ª—É abstrata; não procede das intuições dos conhecimentos concretos para chegar aos abstratos e gerais, principia por sílabas (sons) que não têm significação alguma, para chegar às palavras e às orações.

4ª—Não facilita o aprendizado da escritura nem o aprendizado da ortografia, visto que prescinde dos elementos simples da linguagem escrita (letras), restringindo-se aos elementos da leitura (sons), os quais, se bem são simples para o ouvido, quasi sempre aparecem compostos para a vista.

5ª—Requer muito tempo, visto como é preciso aprender de memória o som e a forma de todas as sílabas do idioma, afim de chegar à leitura de palavras.

6ª—Nem sempre se consegue que todos os aprendizes adquiram a facilidade de se exprimir com exação os sons simples quando é uma consoante e muitas vezes, principalmente no sul do Brasil, não se consegue facilmente que os alunos pronunciem corretamente as vogais *é* e *o*.

Exemplo: no Paraná, em geral, se pronuncia a vogal *é* como se tivesse um acento circunflexo; e pronunciam geralmente a vogal *o* (*ô*) como se um acento circunflexo estivesse sobre ela; as crianças paranaenses pronunciam comumente *pa-pa-ê*, com o acento predominante na penúltima sílaba, em vez de pronunciarem *pa-pai*, preferindo a última sílaba como um ditongo; pelo comum ouve-se na boca dos sulistas a palavra *português*, que se deve pronunciar *pur-tu-guês*, que se deve pronunciar, digo, pronunciada *português*.

Os alunos da escola e até a maior parte dos alunos dos cursos secundários apelidam de *ê* a conjunção copulativa e que se deve ler *i*, e pronunciam o artigo definitivo *o*, que se deve pronunciar *u*, com se tivesse sobre um acento circunflexo *ô*.

Porisso torna-se difficilima a correção radical das pronúncias de milhares de palavras que provincianamente são pronunciadas. São defeitos difficilimos de remediar, talvez impossivel, porque em geral os professores ensinam as crianças a lerem o alfabeto pronunciando as letras *e* (*ê*), *o* (*ô*), como se fossem escritas com um acento circunflexo.

Ora, as letras *ê*, *ô*, nunca existiram nem existirão jamais.

PONTO VIII

MÉTODOS ANALÍTICOS

Chamam-se métodos analíticos de leitura os que ensinam primeiro a palavra ou a oração e depois os seus elementos consecutivos.

A fórmula dos métodos analíticos de leitura é a seguinte: Primeiramente, todo; em segundo lugar, as suas partes.

Existem dois métodos analíticos: o método analítico de palavras soltas e o método analítico de sentenças. Ambos esses métodos servem para ensinar simultaneamente a escrita e a leitura. Assim, um, como o outro, são relativamente novos, muito mais novos que os métodos sintéticos, pois datam dos fins do século XVIII e só se organizaram definitivamente depois de meado do século XIX.

Atribue-se ao ilustre reitor da Universidade de Berlim, Frederico Gedike, o mérito de haver proposto, pela primeira vez, a eliminação, na metodologia da leitura, de todo e qualquer método sintético, alfabético e fônico, e a adoção de um método analítico. O aprendiz, desde principio, deve aprender a ler palavras e não sons. São palavras de Gedike: «assim o aprendiz observará dizer que todos os sinais de palavras, e cada um em particular, estão compostos de vários outros sinais, que às vezes se repetem e se combinam de mil formas diferentes».

Opina Frederico Gedike que observando, escrevendo, e lendo as palavras, os alunos chegarão prontamente a distinguir e aprender os sinais simples (letras) por sua forma e por seu som sem que lhes diga o nome deles.

Para prática de seu método, Gedike publicou um interessante texto de leituras intitulado o livro do menino, em 1791, obra que apesar dos méritos didáticos que seus partidários lhes atribuíram, não pôde conseguir ambiente propício para nova reforma.

Ao mesmo tempo em que na Alemanha se debatia o método de palavras, na França surgiu a célebre obra sob o título «Ensino Universal», de um notável pedagogo, J. J. Jacotot.

Esse pedagogo faleceu em 1840. Partiu ele do principio geral: «O todo está no todo».

E, como os sons, as letras, as sílabas e as palavras são elementos ou partes, constitutivas de uma oração, Jacotot declarou que eram antinaturais os métodos de leitura que principiavam pelas partes e não pelo todo. Dizia ele: «Eu começo com os exemplos: com o conjunto, com o todo, imitando a natureza, pois ela, que é sábia mestra faz o mesmo; sempre cria cousas completas e não feitas em pedaços. O homem também percebe com os seus sentidos coisas inteiras, coisas completas. Acaso, se ensina às crianças, primeiro as notas, depois os tons e por último o canto? Ou pelo contrário? Que apresentava Jesus Cristo em primeiro lugar a seus discípulos: definições e regras abstratas ou exemplos?»

Todos sabem que ele apresentava exemplos.

Portanto, se é natural partir dos exemplos, do conhecido, do todo para chegar às definições, ao desconhecido, às partes—porque se não há de fazer o mesmo no ensino da leitura? Porque se há de começar com sons abstratos, com letras mortas e não com palavras vivas, com proposições?

As proposições são conhecidas pelos meninos porque são completas, ao passo que lhes são desconhecidas as letras, porque são abstratas».

Essas palavras de Jacotot não ficaram somente em teoria. Ele mesmo pôs por obra as suas idéas reformistas.

Primeiro de tudo banuiu de sua escola os textos de leitura e de qualquer outra matéria.

Colocou nas mãos de seus alunos principalmente o *Telémaco* de Fenelon e começou a leitura com a 1ª. fase, que é a seguinte: Calipson não podia consolar-se da partida de Ulisses. Essa frase representa, no seu dizer, o todo, isto é, o pensamento completo.

Eis aqui o modo pelo qual se aplica o método analítico de Jacotot: Escreve-se no quadro-negro, com letras de tamanho natural, determinada oração. Em voz alta o mestre lê e logo a repete com os alunos e em seguida as faz repetir. Depois segue a análise: separam-se as palavras que formam as sentenças e aprende-se a forma, assim como o significado de cada uma delas; em sequência se divide a 1ª. palavra em sílaba e estas em letras, fazendo-se imediatamente exercícios de soletração com cada elemento componente até se gravarem tudo muito bem na memória (os continuadores de Jacotot substituíram a soletração num método de sentença pelo fonetismo).

Uma vez aprendida a 1ª. palavra, passa-se à 2ª., que se divide em sílabas e estas se dividem em letras, fazendo-se logo exercícios de soletração com cada elemento componentes até concluir a sentença.

Esses exercícios devem durar vários meses e deve-se empregar muitas sentenças diferentes, o maior número possível, até que as crianças aprendam todas as sílabas e possam distingui-las e pronunciar todas as palavras.

Não há dúvida que o método analítico de Jacotot é mais vantajoso que os métodos sintéticos alfabético e fônico, porém não está isento de uma crítica racional. Essa crítica será tratada na próxima lição.

PONTO VIII

CRÍTICA DO MÉTODO ANALÍTICO DE JACOTOT

As primeiras objeções que se fizeram ao método analítico de Jacotot foram as seguintes:

1ª.—É muito complicado para os alunos de pouca idade, os quais não podem compreender nem abarcar, com a sua incipiente inteligência, pensamentos tão complexos.

2ª.—A oração «Calipson não podia consolar-se com a partida de Ulisses» é incompreensível, em seu conjunto, para as crianças, e por isso não satisfaz ao principal requisito do método, que é a simplicidade.

3ª.—As orações não são perdoadas, nem tão pouco as dificuldades.

4ª.—Não é indutivo, por isso que as sentenças contêm palavras de mui difícil ilustrações, como verbos, as preposições, nos nomes próprios, estrangeiros, etc.

5ª.—São anti-rationais e dificultosos alguns dos seus processos internos, como o deletreamento.

Em vista de tão graves inconvenientes, cogitou-se de uma modificação parcial do processo.

Assim que Jacolot faleceu, os partidistas de sua reforma na Alemanha, resolveram o seguinte:

1º.—Substituir o Telêmaco de Fenelon por séries de sentenças graduais;

2º.—Eliminar a delectração e adotar o processo fonético;

3º.—Não limitar a decompôr as palavras em sílabas, mas também formar com essas sílabas novas palavras.

Com essas modificações, o método de sentenças melhorou consideravelmente, porém não desapareceu de todo as suas deficiências.

Dois principais inconvenientes continuaram a subsistir:

1º.—A gradação artificial geradora das sentenças;

2º.—A ilustração deficiente das mesmas.

Para remediar o 1º inconveniente fôra de mistér formar a série de sentenças com os mesmos elementos, mudando-os de lugar (palavras, sílabas, letras, geradoras) e de função.

E o 2º inconveniente só houvera desaparecido si se ilustrasse de modo suficiente cada parte componente (idéas) da oração. Isso, porém, não era facil em se tratando de método tão complicado. Os principais partidistas da reforma de Jacolot, na Alemanha, foram Seltam, Walter, Missalek e Köhm.

Ensaio posteriores, feitos por Graffunder, que escolhia sentenças curtas de duas palavras, produziram melhores resultados, no ensino, e sugeriram a Kramer Herold e mais tarde a Vogel, a idéa de substituir as proposições por palavras soltas.

Com essa modificação a história do método analítico entra em uma fase nova, ou melhor: os métodos analíticos retornam à sua fase, que é o método de palavras proposto por Gedike, com a única diferença de que agora as palavras deviam ser geradoras.

(Continúa no próximo número)

NOTICIÁRIO

Bibliotecas escolares

Grande tem sido o interêsse tomado pela criação de bibliotecas para uso de professores e alunos, junto aos nossos grupos escolares.

Na 1ª circunscrição, sob a orientação do inspetor Antônio Lúcio, e com o apôio dos diretores e professores, foram creadas nos Grupos Escolares «Lauro Müller», «Silveira de Souza», «José Boiteux», «Francisco Tolentino» e «Venceslau Bueno», respectivamente, as bibliotecas «Professor Flordardo Cabral», «Santo Antônio», «Professor Antônio Lúcio», «Professor Ernesto Nunes Pires» e «Professor José Ferreira Lopes».

Em Joinvile, nos Grupos «Conselheiro Mafra», «Germano Timm» e «Joaquim Santiago», foram creadas as bibliotecas «Profa. Rute Lobo», «Profa. Maria Augusta Gomes», por iniciativa do prof. Elpidio Barbosa, sub-diretor técnico do Departamento de Educação.

Em São Francisco, no Grupo «Felipe Schmidt», a biblioteca «Joaquim Santiago».

Em Jaraguá, no Grupo «Abdon Batista», a «Prof. Luiz Trindade».

Foram ainda creadas bibliotecas nos Grupos «Jerônimo Coelho» e «Ana Gondin», de Laguna; «Feliciano Pires», de Brusque; «Prof. José Brasilício», de Biguassú; «Vitor Meireles», de Itajaí, e na Escola Noturna regida pela professora Jurema Cavallazzi, nesta capital.

Caixas escolares

Sempre no intuito de ampliar o serviço de assistência aos escolares, já agora encontramos as Caixas Escolares também nas escolas isoladas. Assim é que com prazer registramos a sua criação nas seguintes escolas isoladas com os seus respectivos professores:

Santo Amaro, Antônio da Cunha Peixoto;
Caldas do Cubatão, Estér Cordeiro Peixoto;
Praia de Fôra, Júlia da Conceição Rosa;
Paulo Lopes, Francisco Elesbão de Oliveira;
Paulo Lopes, Maria Safira da Silveira;

Barra do Rio dos Bugres, Amelia de Souza Bach;
 Vargem Grande, Astrogilda Ferreira Lima;
 Praia de Fóra de Baixo, Francisca Raimunda;
 Aririú, Nicolina Tancredo;
 Aguas Mornas, Leocadia Duarte Silva.

Uniforme escolar

Com a criação das caixas escolares, mais facil tem sido o uso do uniforme nas escolas, visto o auxilio que prestam àqueles cujos recursos não permitem a sua aquisição.

De uma visita feita, com prazer destacamos a excelente impressão colhida nas escolas de Caldas do Cubatão, Santo Amaro, Barra do Rio dos Bugres e Aririú.

Estas escolas são um modêlo de trabalho e de ordem, merecendo os seus professores todo o nosso aplauso pelo exemplar amor com que cumprem os seus devêres.

Gabinete dentário escolar

Por iniciativa do prof. Antônio Lúcio, inspetor escolar, foi inaugurada, no dia 9 de agosto, um bom gabinete dentário no Grupo «Lauro Müller», desta capital.

Ao ato de sua inauguração compareceu o sr. diretor do Departamento de Educação, autoridades, professores e convidados.

O gabinete foi adquirido por meio de donativos e festivais, orçando o seu custo em 3 contos de réis.

Está aparelhado a prestar ótimos serviços odontológicos aos escolares.

As farmácias desta capital e os srs. representantes de Laboratórios do Rio e São Paulo, foram de uma grande gentileza ofertando medicamentos, dentrificios, etc.

O gabinete é dirigido pelo acatado profissional, cirurgião-dentista Ari Machado que, num belo gesto de altruismo, vem prestando gratuitamente os seus serviços.

Auxilia nesta benemérita assistência, o competente profissional, dr. H. G. Sippel.

Diariamente são atendidas dezenas de crianças.

Todo o serviço do gabinete é muito bem controlado num bem feito fichário.

Tivemos ocasião de visitar a sua instalação e assistir ao seu funcionamento, e pudemos constatar o incalculável benefício implantado nesse estabelecimento educativo.